Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco nº 45 - Distribuição gratuita

PERNAMBUCO

EM QUE ESPELHO FICOU PERDIDA MINHA FACE?

Autores de HQ lançam mão dos seus reflexos biográficos como trunfo literário

STUDIO AURORA

E MAIS:

ENTREVISTA COM RUY CASTRO | RUBENS FIGUEIREDO | O RETORNO DOS ÍNDIOS | ALAIN DE BOTTON

01_capa.indd 1 20/10/2009 09:41:11

GALERIA

CAROLINE BITTENCOURT

"O Museu de Arte Sacra de São Paulo é lindo por fora e por dentro; poucos paulistas sabem disso. Fiz essa foto durante a Virada Cultural de 2006, antes da apresentação da banda Mammacadela. O prédio estava todo iluminado: a luz com uma cor laranja. O jardim, as janelas, a textura da parede, tudo perfeito. Foi uma linda noite". O portfolio de Carol pode ser visto em *www.carolinebittencourt.com*.

CARTA DO EDITOR

Quando realizamos a reunião de pauta para essa edição do **Pernambuco**, uma pequena discussão sobre a relevância da matéria de capa (sugestão da repórter Carol Almeida) tomou forma. Sua ideia era questionar a razão de tantos quadrinistas estarem lançando mão de trabalhos (supostamente) autobiográficos. Mas um minuto... HQ é literatura? Sim ou não? Um debate interminável e que, no final das contas, nem cabe a nós decidir. Afinal, não é de hoje que quadrinistas estão ganhando grandes prêmios literários e participando de eventos como a Flip, ao lado de romancistas, poetas e contistas.

E mais: seria complicado, em pleno 2009, colocar barreiras em relação ao que é relevante ou não e merece ser chamado de literatura.

Como afirma Carol na matéria de capa: "A arte ou literatura, ou ambos, dos quadrinhos autobiográficos seduz quando a narrativa é bem moldada e quando a proximidade entre o cotidiano de quem lê se espelha nas páginas de quem escreve. O comum aproxima e une". A ilustração da capa é de Raul Aguiar, do escritório de design Studio Aurora. Ambos, ilustrador e repórter, repetem a dobradinha de quando escreveram/ilustraram há alguns meses sobre o marketing do livro para o **Pernambuco**.

Enquanto você estiver lendo esse jornal, o jornalista Garibaldi Otávio vai ter concretizado um projeto de mais de 50 anos: publicar seu primeiro livro de poemas. A angústia às vésperas da estreia foi flagrada pelo repórter Thiago Correa numa entrevista que resultou em curioso perfil. Rogério Pereira, editor do *Rascunho*, volta a colaborar com o **Pernambuco** conversando com o jornalista e escritor Ruy Castro sobre o estado do jornalismo cultural hoje no Brasil. E como estamos falando de Ruy Castro, o leitor pode ir esperando inúmeras tiradas polêmicas ao longo do texto.

Na seção *Bastidores*, Rubens Figueredo divide com os leitores os prazeres e agruras de reescrever uma obra e de criticar a si próprio, e Cristhiano Aguiar faz uma crônica no mínimo curiosa sobre o retorno dos índios na literatura brasileira.

É isso, boa leitura e até dezembro!

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Ricardo Leitão

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes

CONSELHO EDITORIAL:
Mário Hélio (Presidente)
Antônio Portela
José Luiz da Mota Menezes
Luís Augusto Reis
Luzilá Gonçalves Ferreira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero, Schneider Carpeggiani e Eduardo Cesar Maia (interino)

REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo

ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Anna Karina, Flávio Pessoa, Flora Pimentel, Gilson Oliveira, Militão Marques, Nélio Câmara e Vivian Pires

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

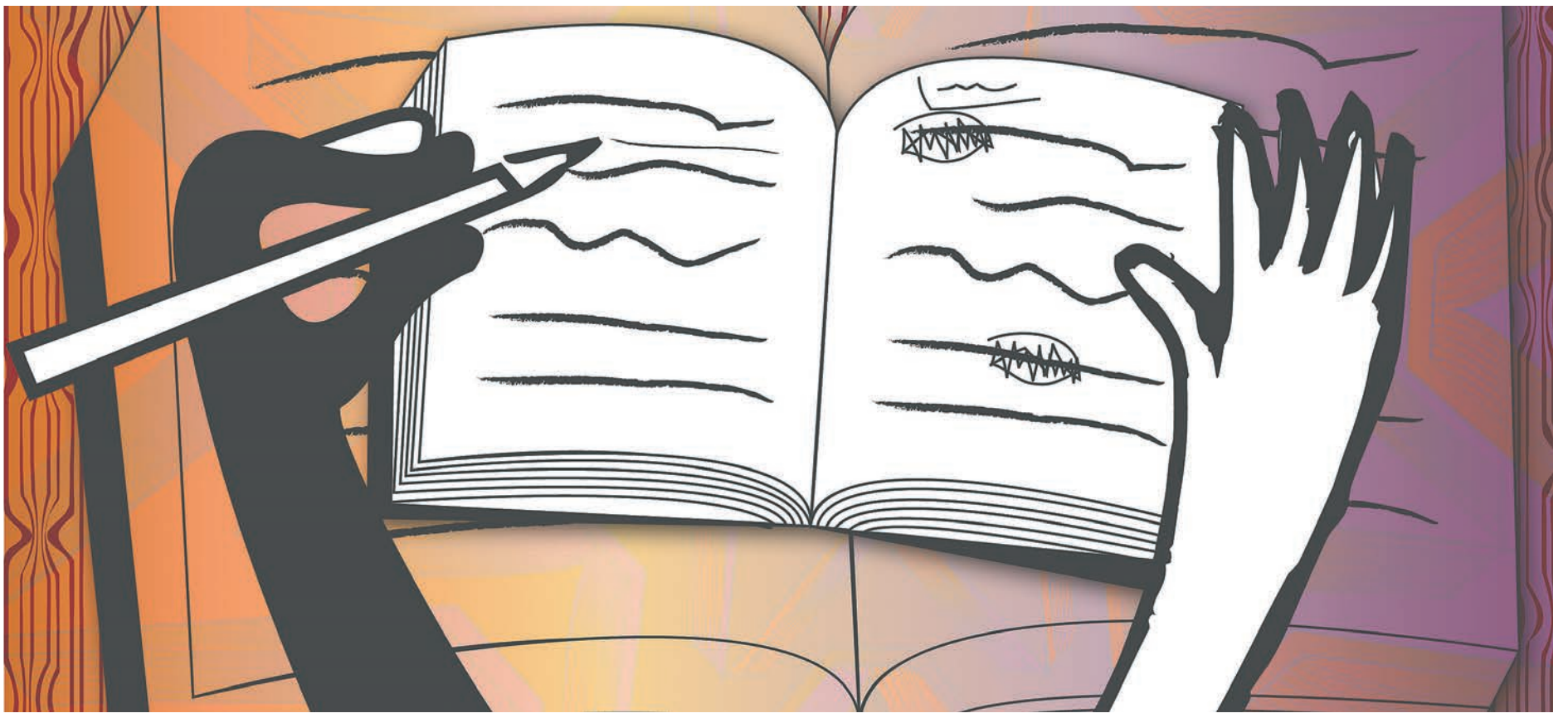
CEPE EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

KARINA FREITAS



O socorro por trás do ato de reescrever

Em nova edição de *O livro dos lobos*, autor busca as suas palavras "perdidas"

Rubens Figueiredo

Quando comecei a planejar meu primeiro livro, aos 22, 23 anos, fui levado a fazer uma espécie de cálculo. Tratava-se de subordinar minhas esperanças e ambições de jovem aos claros sinais de limitação de experiência e de conhecimento, que eu não podia deixar de perceber em mim. Disso nasceu uma forma que compreendia uma espécie de acordo negociado: o cômico, a farsa e a autoironia, de um lado, contrabalançavam o empenho de alcançar, de outro lado, alguma realização de linguagem, de construção narrativa e de visão crítica do mundo. O primeiro lado acompanhava, em paralelo, o segundo, mas não se incorporava a ele, a fundo. Pelo menos, em meu pensamento.

Os dois romances que escrevi em seguida foram fruto de um tipo de conflito um pouco distinto. Havia a atração pelo formato que, meio sem querer, eu mesmo tinha criado, e a sensação de existir ali um potencial ainda não devidamente aproveitado. Por baixo disso, existia uma pressão para procurar um outro tipo de composição, menos híbrida, menos tímida, mais direta, talvez. Vistos em sequência, os dois romances me parecem dar sinais de que essa pressão aumentou com o tempo. Pois no segundo os elementos humorísticos são menos insistentes que no primeiro; e no terceiro, menos que no segundo.

Foi com esses antecedentes que escrevi *O livro dos lobos*. Nunca havia escrito um conto: só três romances, naqueles nove ou dez anos. A opção pelo conto foi uma saída de emergência para me livrar de um formato que ameaçava se tornar uma matriz geradora, alojada na minha cabeça. Recordo que me surpreendi ao terminar o primeiro conto, bem como ao ver o segundo concluído. Mas só quando o terceiro ficou pronto me ocorreu que eu poderia, por aquele caminho, compor um livro. Da mesma forma, o texto dos contos foi refeito muitas vezes – acho que mais ainda do que no caso dos três romances, que também já tinham me dado bastante trabalho. Mesmo com tudo isso, tive dúvidas sobre a relevância e a pertinência do livro que havia escrito – como sempre tive, e tenho ainda hoje sobre o pouco que escrevo. Paciência. Mas pelo menos, na ocasião, tive a certeza de que havia escrito uma coisa de fato diferente dos livros anteriores.

Prova disso me veio na rua. Uma conhecida me encontrou por acaso e disse: "Li esse seu livro, agora. Mas, escuta aqui, o que foi que deu na sua cabeça?" Bateu com a mão na têmpora e balançou a cabeça para os lados, com a cara perplexa, as sobrancelhas contraídas. Passado o primeiro momento de choque, entendi que aquilo não queria dizer que ela não tinha apreciado o livro. Longe disso. Apenas que tinha havido uma mudança muito brusca e que era difícil refazer uma continuidade, uma linha estável.

Diferente foi o teor das reações de um escritor e de um jornalista em relação a *O livro dos lobos*. O escritor protestou que, se depois de três romances, eu escrevia um livro de contos, dali a pouco estaria publicando livros de aforismos. O jornalista mostrou-se meio traído e me alertou de que eu ia acabar perdendo leitores. Essas reações focalizavam um aspecto exterior ao livro – a carreira de escritor. Isso também me agradou: os três romances, com seus elementos comuns, induziam uma imagem viável, manobrável, de escritor: um "profissional" inserido num ramo ou mercado estabelecido. Justamente isso também fazia parte do que me incomodava e do que eu pretendia me livrar ao tentar escrever os contos. Afinal, o que eu queria era permitir uma visão crítica sobre a sociedade à minha volta e estava à procura de um caminho para chegar a isso.

O LIMITE DAS INTERVENÇÕES

Catorze anos depois, a minguada edição de *O livro dos lobos* havia sumido. Cobrei da antiga editora a devolução dos direitos autorais e resolvi tentar republicá-lo por outra editora. Porém, assim que comecei a reler os contos, desde a primeira linha, me veio o impulso de reescrever. As redundâncias, as ênfases, as palavras de efeito, as oportunidades perdidas de ir ao ponto que importava, as cenas que se prolongavam além do necessário, as simples inconveniências de linguagem – enfim, muitas e variadas situações clamavam uma intervenção, um socorro. Aquela era a hora e eu era o responsável.

Por outro lado, a matéria dos contos, seu ambiente afetivo e intelectual não podiam ser modificados. Seu autor, a rigor, era alguém que já não existia, é verdade. Porém os contos permaneciam de pé, com sua integridade inegável, um pouco estranha, de fato, mas não de todo alheia a mim. As modificações que fiz têm peso, têm alcance, equivalem a uma inequívoca renovação do livro. No entanto percebi que o limite das minhas intervenções assinalava aquilo que os contos tinham de mais próprio, de irredutível, a linha além da qual os contos não podiam e não iriam se render.

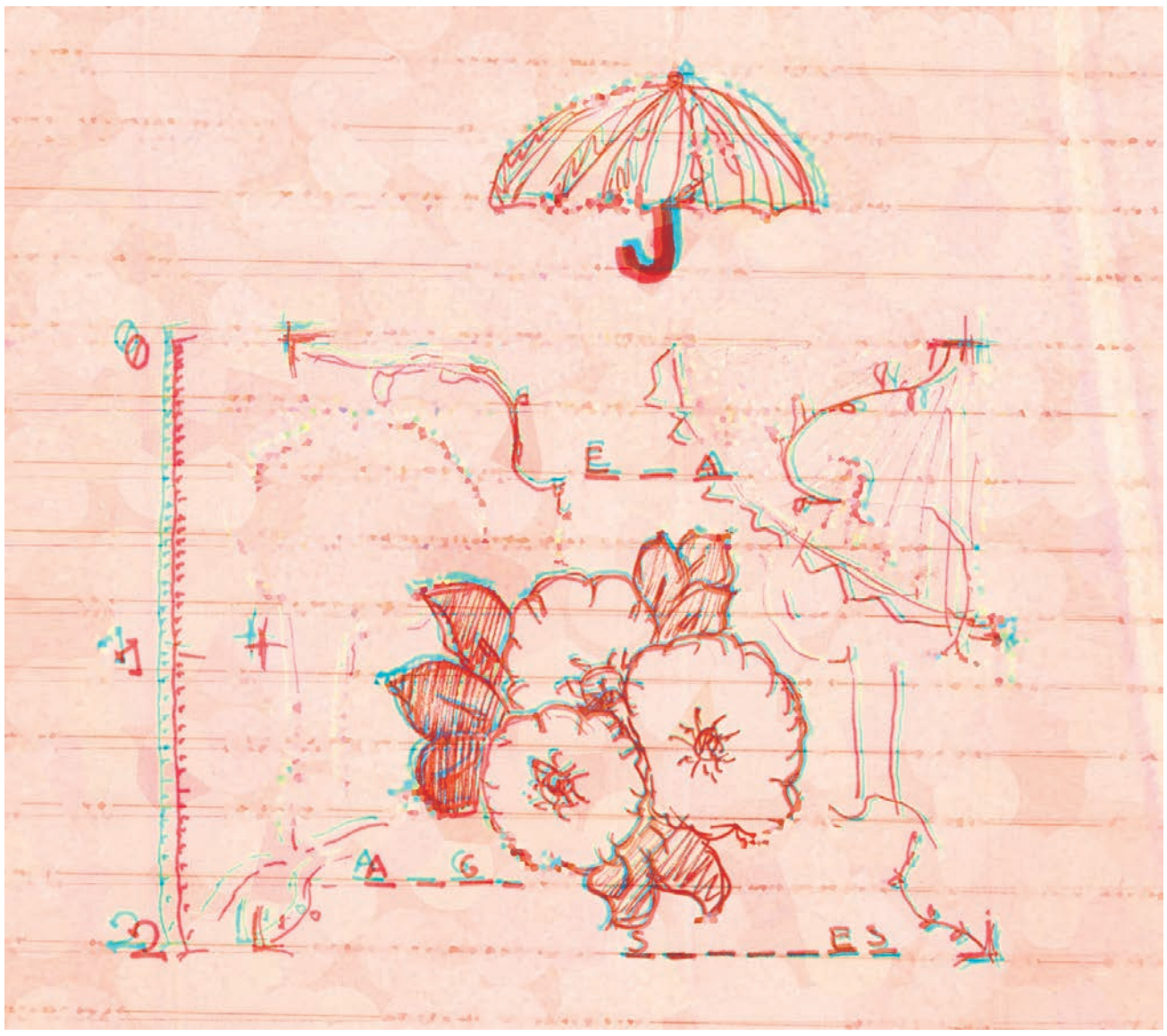
Me veio uma hipótese: o que havia nos contos de mais resistente à minha interferência era aquilo que eles haviam conseguido captar do mundo, da experiência coletiva vivida à minha volta. De outro lado, o que cedia à minha mão eram construções de linguagem. E o resultado, novamente, foi um acordo, uma forma negociada. Mas o pressuposto é claro: nem tudo é linguagem; nem tudo é ficção.

O LIVRO

O livro dos lobos
Editora Companhia das Letras
Páginas 160
Preço R$ 38

POESIA

FLÁVIO PESSOA



Os jardins guardam o que se quer guardar

Diálogos com Dora Ribeiro trazem à tona os espaços que podem ocupar o poema

Thiago Soares

Em 1961, a arquiteta Lota de Macedo Soares quis converter 1,2 milhão de metros quadrados à beira da praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, numa área livre "onde se pudesse reaprender a arte de andar a pé". O Parque do Aterro do Flamengo, que foi "povoado" por 240 espécies diferentes de plantas por Burle Marx, hoje, é um espaço em que pouco se anda a pé. Cortado por uma avenida de tráfego intenso, o espaço é quase um cantar utópico por liberdade de uma mulher que viveu sob o cimento de uma relação passional e conturbada com a escritora Elizabeth Bishop.

"O Parque do Flamengo é meu poema", leio na biografia *Flores raras e banalíssimas*, que desvenda a história de amor das duas e a obsessão de Lota em erguer o imenso jardim. "O jardim é uma das mais interessantes criações humanas. Ali misturamos quase tudo – vida, terra, cores, texturas – com o objetivo de obter um lugar que responda a um certo ideal de equilíbrio, de beleza", me responde a escritora Dora Ribeiro, autora do livro *A teoria do jardim* (Companhia das Letras, 2009), numa conversa virtual.

Ao final de minha terceira leitura de *A teoria do jardim*, de alguma forma, sou remetido à história da obsessão de uma mulher por erguer um imenso jardim aterrado, artificial, num cartão-postal do Rio de Janeiro. "Umas vezes procuramos reproduzir artificialmente o que imaginamos ser a natureza; outras, simplesmente, inventamos novas formas de ser e estar. O jardim talvez seja o lugar mais próximo do que chamamos tranquilidade, porque cede sem grande alarido às nossas vontades e arranjos", me ensina Dora, com suas palavras – que a própria chama de – "imperfeitas". Quando lembro do Parque do Flamengo, daquele aterro, do Hotel Glória ao fundo, o Pão de Açúcar a nos testemunhar, penso em todas as coisas que fiz para que você me dissesse sim. Eu queria a sorte de um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida. Eu e Lota, em busca de nossos jardins.

"O jardim é um ambiente fácil de agradar aos humanos", pontua Dora Ribeiro, ao falar do seu livro. Teoria do jardim, metáfora de que? Lota ergueu um aterro para Bishop, Dora diz que teoriza com poesia ("Escrevo poesia pela minha própria incompreensão do que seja a poesia"). O que me restou para te impressionar foi gravar, numa fita cassete, um punhado de canções que talvez pudessem te fazer sorrir. Será que você iria me encontrar naquele bar, eu bebendo uma Devassa ruiva e fria? "Como na vida, encontramos sempre respostas novas cada vez que olhamos para uma pergunta. E para alguns poetas existe essa necessidade de autojustificação, de autoexplicação", me diz Dora, por e-mail, da China. Sim, a autora de *A teoria do jardim*, é uma escritora-nômade. Nasceu no Brasil, estudou nos Estados Unidos, morou em Portugal e, agora, está na China. "Numa habitação fixa gasta-se muita energia na conservação. E nomadizar tem a ver com mudança, que também me parece uma ideia muito boa. Mas não sei dizer se isso se reflete na minha poesia para além do seu sinal nominal", explica.

Tendo a acreditar que o amor entre Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop era nômade. Idas e vindas. Rio de Janeiro, Boston. Entre eu e você, também, um cartão de embarque. E-mails gigantes, horas e horas ao telefone. Era uma época pré-mensagem de celular. Tudo mais difícil. Amor-Discagem-Direta-Interurbano. Quando você atendia, cadê as palavras? "As palavras não são animais de estimação. Tenho muita dificuldade para conseguir atraí-las para mim, para o meu pensamento. Muitas vezes, elas não aparecem. Uso as mais cordatas e menos perigosas; aquelas que ouvem a minha lengalenga e aceitam participar", me explica Dora, sobre os melindres de seu ato de criação. Comigo também era assim: eu não tinha palavras-animais-de-estimação. Elas eram selvagens quando você aparecia. E sumia. "Não escrevo como gostaria. Escrevo como posso", alenta Dora Ribeiro. Sinto um peso. Não estou só.

ARTIFÍCIO/ARTIFICIAL

Leio um dos inúmeros adeuses entre Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop. Quando Bishop ia embora, Lota pisava mais e mais fundo na sua obsessão pelo jardim. Com o tempo, com a leitura de muitas histórias, a Literatura foi me ensinando o dom da contenção. Quando você não vinha, eu me calava. Quando você me ligava, eu não atendia. O telefone, o copo d'água ao lado do abajour. Para Dora Ribeiro, a contenção tem algo de oriental: "A cultura chinesa tradicional cultivou o conceito do artifício/artificial com um desvelo impressionante. Uma poesia clássica baseada num restrito número de caracteres por linha (quatro, cinco e, mais tarde, sete) ou na contenção tonal; uma pintura tradicional em que o espaço em branco tem o mesmo valor que o traço do pincel". De alguma forma, quando o Parque do Flamengo ficou pronto, acho que Lota se viu num espaço em branco: papel, régua, cimento. O vazio.

Quando você não apareceu no Galeão repleto de ecos naquela noite fria de janeiro, escrevi num guardanapo: "Recortar o retrato ao cair a moldura/ Nada me falta/ Apenas levantar a estrutura/ Viga por viga/ Cimento e pó/ Tudo ruiu/ Enquanto a arquitetura dos teus lábios/ Sorriu". Acho que, de alguma forma, me tornei um pouco poeta naquele salão de embarque.

"Todos vivemos presos e livres dentro de um determinado mundo linguístico. Para mim, a poesia nasce desse jogo e é uma experiência extrema dessa liberdade. Por isso, acredito que existe uma verdade intrínseca a cada poeta", atesta Dora Ribeiro. Escrever é "combater" o vazio, parece me dizer a escritora: "Cada voz possui a sua própria história nesse 'combate'. E é isso que explica que certos poetas sintam necessidade de inovar formalmente e outros precisem apenas encontrar as palavras perdidas, queimadas pela vida".

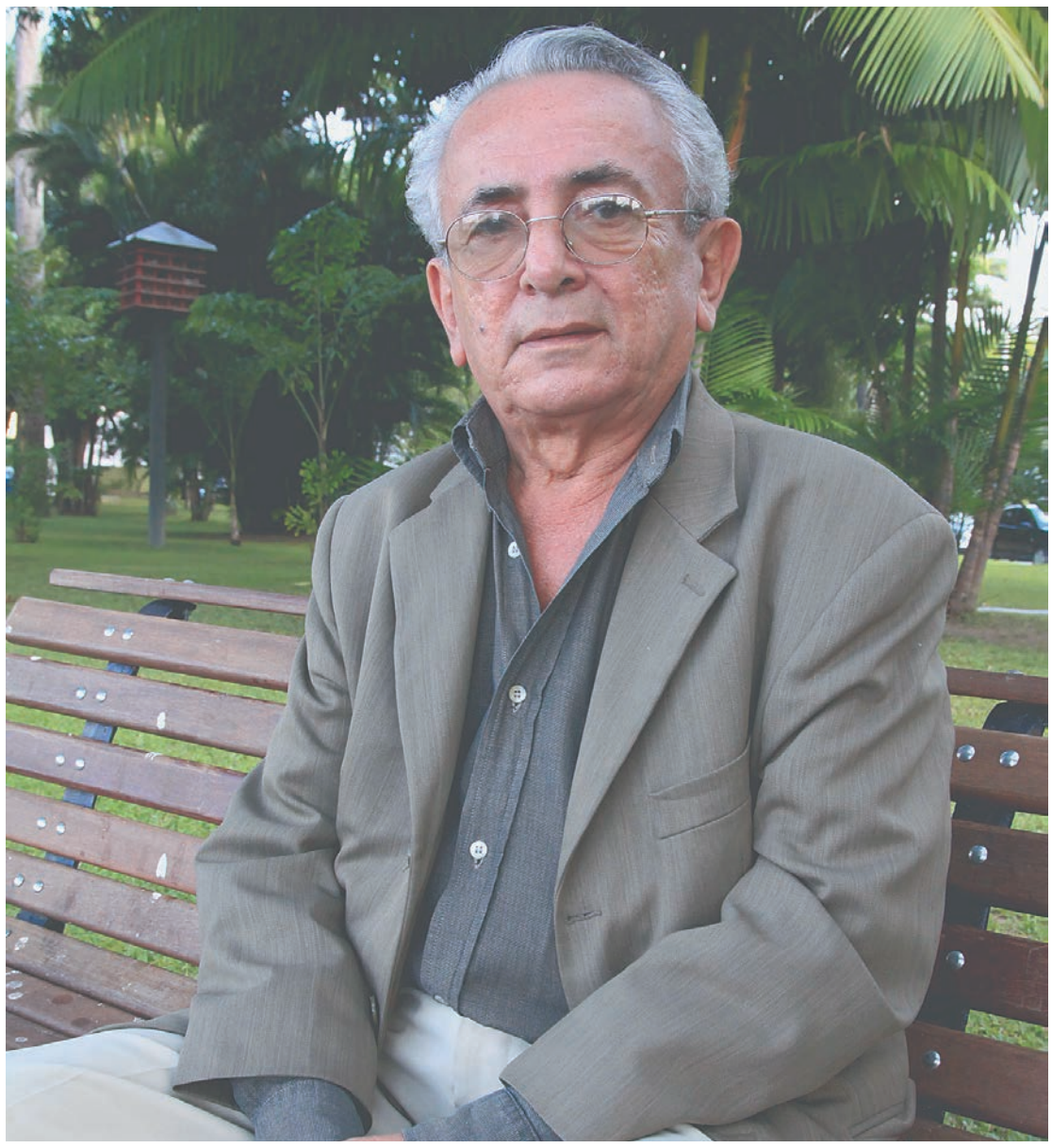
Escrevi aquele poema, achei que poderia me tornar poeta. Amassei logo em seguida, joguei no lixo. Talvez por pirraça, por tentar me livrar desse queimor que são as palavras que me perseguem, eu nunca consegui esquecer daqueles versos. Eles, como você, são minha teoria, meu jardim, meu aterro.

O LIVRO

A teoria do jardim
Editora Companhia das Letras
Páginas 96
Preço R$ 32,50

PERFIL

FLORA PIMENTEL



Cinquenta anos de solidão

A história do poeta que adiou por meio século o seu livro

Thiago Correia

Um poeta habita o Palácio do Campo das Princesas. Sob o mesmo teto onde são tomadas as decisões a respeito do rumo do estado de Pernambuco, um senhor de 71 anos, cabelos brancos e óculos de hippie se enfurna em seu silêncio cada vez mais apreensivo com a proximidade do dia 29 de outubro. Três semanas antes, numa sala que fica no térreo da sede do Governo estadual, o secretário chefe da assessoria especial do governador Eduardo Campos, Garibaldi Otávio, já começava a sentir os efeitos de, finalmente, lançar um livro e ganhar espaço na prateleira dos poetas pernambucanos.

Apesar da experiência de mais de 40 anos como jornalista, ele confessa não se sentir à vontade do outro lado, como entrevistado. "Sou muito tímido. Dar esta entrevista já me deixa um pouco agoniado, aí daqui a pouco vou ter que falar para a televisão, ficar sentado lá assinando o livro. É algo que não estou acostumado, embora minha experiência de jornalista me deixe tranquilo", admite. Talvez para evitar esses rituais literários, o lançamento de *O girassol* tenha sido adiado por mais de meio século.

Mesmo com o endosso e o incentivo em forma de elogios de nomes como Gilberto Freyre, Renato Carneiro Campos e Mauro Mota, boa parte dos poemas reunidos no livro, publicado pela Cepe, ficou esquecido em gavetas e pastas espalhadas entre os amigos. Na distante década de 1950, Mota já atestava a qualidade do garoto que começava a frequentar os círculos boêmios e intelectuais do bar Savoy. "O menino recua como um carneiro manso só de aparência. Parece que vai embora com medo, mas quando volta, é com vontade de botar abaixo o que achar pela frente", escrevia Mota, no artigo *Engenho e arte*.

QUESTÕES DE IDADE

O elogio não foi ignorado pelo jovem. "Para um menino de 16 anos, isso foi um deslumbre. Imagina ser elogiado por um cara como Mauro Mota. Nessa idade, a gente ficava entusiasmado, sentia que devia prosseguir", recorda. O rapaz passou a pensar no projeto do livro, definiu a capa com uma tela da pintora Tereza Costa Rêgo e chegou a ter o poema *Réquiem para infância* publicado no *Jornal do Commercio*, quando ainda assinava como Garibaldi França.

Mas a trajetória do poeta seria atropelada por duas figuras históricas para o estado de Pernambuco – Miguel Arraes e o poeta João Cabral de Melo Neto. Conheceu o ex-governador na campanha ao Governo de Cid Sampaio e depois, com a eleição de Arraes, foi trabalhar com o cearense na Prefeitura do Recife. "Fui me entusiasmando com a política, fiz a besteira de tentar ser prefeito de Barreiros, me engajei no Partido Comunista. Em 1964, veio o golpe e tive que me exilar", lembra Garibaldi.

Aos poucos, o interesse pela poesia foi sendo substituído pelo gosto por ensaios políticos. A mudança no foco da leitura se refletiu na produção literária, minguando de vez ao se deparar com a obra de João Cabral de Melo Neto. Ao contrário dos escritos *Itinerário de Pasárgada* (de Manuel Bandeira), *Invenção de Orfeu* (de Carlos Drummond de Andrade) e *Cartas a um jovem poeta* (de Rainer Maria Rilke) – que serviram como alimento para a alma poética de Garibaldi –, os versos objetivos do poeta-engenheiro lhe trouxeram um impasse na criação.

"Fiquei abismado com aquilo, encantado, mas não conseguia pegar influência dele. Não era inveja, era incapacidade mesmo. Eu ia fazer e ficava repetindo. João Cabral me teve esse impacto", recorda. Sem poder exercer a atividade política por conta do golpe militar de 1964 e de escrever poesia após conhecer a obra de João Cabral de Melo Neto, Garibaldi acabou indo morar no Rio de Janeiro. "Como não sabia fazer mais nada, fui ser jornalista", brinca. Com ajuda do partidão, encontrou uma vaga de repórter num jornal carioca, assumindo a vaga deixada por Elio Gaspari.

O fardo de encaixar palavras em versos, no entanto, revelou-se um facilitador para o jornalista iniciante na hora de escrever notícias. "A poesia te dá a capacidade de manobrar com a frase, com a palavra, com o pensamento. Foi importante na época em que eu entrei no jornalismo, porque me dava a certeza de que sabia colocar a palavra no lugar certo", observa. No entanto, a reconciliação com a palavra não foi completa, a poesia não retomou o lugar de destaque na vida de Garibaldi.

O RETORNO

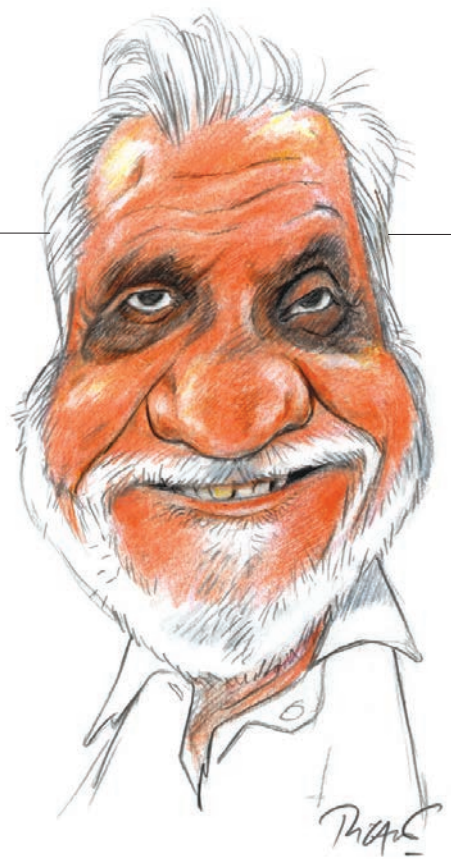
Casado e pai do primeiro dos cinco filhos que iria ter, ele seguiu o rumo de milhares de nordestinos rumo a São Paulo em busca de melhores salários. Na capital paulista, tentou a vida como advogado, depois voltou ao jornalismo trabalhando numa revista de medicina, na *Folha de S. Paulo*, e em seguida como editor de texto em duas empresas de consultoria, por onde chegou a morar em Porto Alegre. Só em 1974 o banzo bateu em Garibaldi e ele voltou para o Recife, reencontrando Mauro Mota e Renato Carneiro Campos na Fundação Joaquim Nabuco.

O retorno, contudo, foi passageiro. Após peregrinar por quatro empregos, Garibaldi voltou a São Paulo para trabalhar na *Gazeta Mercantil*. "Fui parando de fazer poesia, depois voltei a fazer mais por brincadeira. Você canta a menina e faz uns versos, não era uma coisa pensada como antes. Também fiz algumas letras de música, mas não era uma coisa profissional", aponta. Mas se foi a política que o fez abandonar o projeto do livro ainda no início da idade adulta, também foi ela a responsável por resgatá-lo.

Com a eleição de Eduardo Campos para governador, Garibaldi regressou ao Recife em 2007 para trabalhar no Palácio do Campo das Princesas. Ao fim do expediente nas terças-feiras, ele segue para o bar Seu Cafofa, onde reencontra amigos de outrora, num ritual que o faz lembrar os tempos de boemia no Savoy, no A Cabana e na Zona do Recife. "A cidade me despertou. Estava descrente que isso valia de alguma coisa, mas os amigos me convenceram a retomar esses escritos. Quando comecei a ler eles de novo, tive uma surpresa agradável, eu não sabia que era capaz de fazer isso aqui", revela.

O LIVRO

O girassol
Editora CEPE
Páginas 136
Preço A definir



Raimundo
CARRERO

Pelo doce caminho das digressões

Entenda o truque perfeito para distrair o leitor do rigor da narrativa ficcional

O escritor precisa sempre acreditar: nenhuma lei lhe pode ser imposta, nenhuma regra e, claro, nenhum regulamento. O estudo da técnica, todavia, torna o artista consciente, e não serve para ser copiado. Mas um romance, por exemplo, pode ter dois caminhos seguros, que favorecem a crítica do próprio trabalho. São eles: digressão e comentário. Pode parecer, mas não são a mesma coisa. Na digressão, o narrador se afasta do objeto central; no comentário, o mesmo narrador não larga o objeto central.

Compreendo que escrever uma digressão não é tarefa fácil. No entanto, percebe-se logo que ela pode e deve ser usada quando for necessário seduzir ainda mais o leitor, sobretudo com relação a enredos ou com relação a mudanças de enredo, ou técnicas mais sofisticadas. Machado de Assis era mestre nesta arte, que aprendeu com Lawrence Sterne e não esqueceu mais. No entanto, o que é uma digressão? E para que serve?

Sempre assim: no momento em que for preciso distrair o leitor para que ele não acompanhe o rigor da narrativa, a digressão precisa ser realizada, da mesma forma que fazemos com as pessoas quando pretendemos surpreendê-las. Para exemplos, vamos recorrer aos meninos, que são mais hábeis no destino narrativo. E refletimos sem gravidade. O menino da história e o menino de Clarice Lispector.

Só uma brincadeira infantil, que ajuda a refletir, sem forçar. Vamos ver:

– Eu quero uma mordida neste doce.
– Não dou.
– Veja como a torre da igreja está brilhando.
– Onde?
– Veja com cuidado.
– Não consigo.
– Ah, você não sabe olhar.
– Ih, cadê meu doce?
– O gato comeu.

O que aconteceu? Enquanto distraímos o amigo, aí está a digressão, o doce foi roubado. Mudança de rumo ou de assunto. Não é mesmo? Certamente o outro vai olhar a torre da igreja – onde, com certeza, não está acontecendo nada – e lhe roubamos o doce. Qual o objeto principal: o doce. Não é assim? E qual é a digressão? A torre da igreja. O exemplo é ingênuo e infantil, concordo. Mas creio eficiente.

Assim podemos, então, trabalhar a digressão:

Objeto principal:
– Eu quero uma mordida neste doce.
– Não dou.

Digressão:
– Veja como a torre da igreja está brilhando.
– Onde?
– Veja com cuidado.

O estudo da técnica torna o artista consciente, e não serve para ser copiado. É importante aliar técnica e intuição

– Não consigo
– Ah, você não sabe olhar.

Objeto principal:
– Ih, cadê meu doce.
– O gato comeu.

Não é mais do que isso. Em princípio, com essa tranquilidade. É claro que coloquei diálogos, mas se há uma narrativa, então é preciso escrever da seguinte maneira:

O menino queria uma mordida no doce do colega, mas não lhe foi permitido. Ele apontou a torre da igreja chamando a atenção para o brilho que estava surgindo. O colega não viu, embora olhando com muito cuidado. O doce lhe foi roubado pelo gato. Que gato? Difícil era esconder a boca cheia.

Agora o desenvolvimento, mais uma vez:

Objeto principal:
O menino queria uma mordida no doce do colega, mas não lhe foi permitido.

Digressão:
Ele apontou a torre da igreja chamando a atenção para o brilho que estava surgindo. O colega não viu, embora olhando com cuidado.

Objeto principal:
O doce lhe foi roubado pelo gato. Que gato? Difícil era esconder a boca cheia.

Digressão é isso: desvio da atenção pela mudança de rumo ou de assunto, dependendo da função e do efeito.

Marco Polo

MERCADO EDITORIAL

INAUGURAÇÃO

Edusp inaugura livraria que homenageia o pernambucano João Alexandre Barbosa

A USP encerrou as comemorações dos seus 75 anos com a inauguração da Livraria João Alexandre Barbosa (foto), ligada à Edusp. Com espaço interno de 530m² e acervo de 8 mil títulos, café, lugares reservados para leitura e lazer, tem ainda estúdio de rádio completo, a ser usado para gravação do programa *Conversas de livraria*, da Rádio USP, e para entrevistas com personalidades que a visitem. Seu nome é uma homenagem ao escritor, professor, crítico literário, ex-pró-reitor de Cultura e Extensão Universitária da USP e ex-diretor da Edusp, João Alexandre Barbosa, pernambucano que, junto com Plinio Martins, transformou a Editora da USP num exemplo de qualidade para todas as editoras universitárias do país. Na área externa da loja, com 735m², serão realizadas atividades culturais.

FRANCISCO EMOLO/JORNAL DA USP

MODIFICAÇÃO EM OBRA DE ROY LINCHENSTEIN

Vejam o que diz Houaiss sobre o assunto: "Desvio do assunto principal ou de rumo".

EXERCÍCIOS

Em princípio copie, copie mesmo, copie o diálogo. Divida em partes: objeto principal, digressão, objeto principal. Agora copie, copie mesmo, a narrativa. Divida em partes: objeto principal, digressão, objeto principal. Isso não é gratuito, é fundamental. Não se entende apenas com a mente, mas com a escrita. Repita. Memorize. Repita. Memorize. Escreva, escreva, escreva.

Vamos a um exercício. As palavras do objeto principal são de Clarice Lispector. De propósito, inventei a digressão.

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Muita gente nas calçadas e os vendedores gritando, misturando-se um com os outros, pregando as delícias das prendas, e aquele menino sozinho encostado no poste. Um ar desvalido, de abandonado. Ela depositou o volume no colo e o bonde começou a andar.

Agora invente a sua digressão, tomando como base o movimento dos carros na outra rua:

Objeto principal:
Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde.

Digressão: _____

Objeto principal:
Ela depositou o volume no colo e o bonde começou a andar.

Então vamos a outro exercício, com invenção livre na digressão – ou seja, não copie o texto de Clarice mas invente outro:

Objeto principal:
Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde.

Digressão: _____

Objeto principal:
Ela depositou o volume no colo e o bonde começou a andar.

Estes exercícios são fundamentais. Não adianta apenas dizer: compreendi, entendi – tem que fazer. Se possível, repetir, repetir e repetir. Até considerar o domínio do texto.

LANÇAMENTOS

Grua Livros amplia seu repertório de títulos

Entraram na gráfica da editora Grua Livros os títulos *Ciranda de nós* (Prêmio Nascente USP/2006, categoria romance), da paulista Maria Carolina Maia, com capa e desenhos de Osi Nascimento, e *História da polidez, de 1789 aos nossos dias*, de Frédéric Rouvillois, que faz um mergulho no desenvolvimento da etiqueta, com tradução de Carlos Moisés, Raquel Wrona e Márcia Nogueira.

DIVERSIDADE

A 51ª edição do Prêmio Jabuti vai premiar este mês uma grande diversidade de editoras

Chamou a atenção de profissionais do livro do país a grande diversidade de editoras entre os três vencedores nas 21 categorias do Prêmio Jabuti 2009. De acordo com seu curador, José Luiz Goldfarb, o número de editoras participantes com obras de grande qualidade vem crescendo significativamente, sendo que a maioria é de empresas que o público ainda nem conhece direito.Uma boa amostra desta diversidade pode ser notada na lista de editoras que recebem o troféu no dia 4 deste novembro. Entre elas estão: Capivara Editora, Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, Annablume Editora, Versal Editores, Bei Editora, Editora Leitura, Ateliê Editorial, L&P Editores, D.A. Produções Artísticas, Aymará Edições e Tecnologia, Cânone Editorial, Auana Editora e Edições SM. É a reação dos pequenos nichos.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
• Contribuição relevante para Pernambuco;
• Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.

2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
• De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
• De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).

3. O Conselho Editorial não analisa:
• Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
• Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.

4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
• Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
• Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.

5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).

6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.

7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.

8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.

9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.

10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.

11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708

Cepe Editora · Secretaria da Casa Civil · Governo de Pernambuco

ARTIGO

Será que os índios ainda querem apito?

Escritores voltam a questionar o papel indígena na literatura brasileira

Cristhiano Aguiar

ANNA KARINA

Escrevo este parágrafo no primeiro dia da Bienal internacional do livro de Pernambuco, que já terá se encerrado quando o leitor estiver com este exemplar em mãos. Estou sentado em um dos banquinhos do *stand* da Prefeitura do Recife. Perto de mim, um professor usando cocar, colar de sementes e tocando um instrumento musical tenta contar uma história da mitologia indígena a crianças. Não consigo entender muito bem o que ele conta, pois perto dali acontece uma batucada afro-brasileira; além disso, o *stand* vizinho toca, bem alto e pela quarta vez consecutiva, um CD do meu conterrâneo Jessier Quirino.

Gostaria de compartilhar com o leitor do **Pernambuco** dois exemplos de como nos relacionamos, ainda hoje, com a cultura indígena. O primeiro é o depoimento de uma amiga. Quando estudava medicina em Brasília, atendia muitos pacientes índios. "Não gosto de índios", ela me confessou certa feita, "estão todos bêbados por aí, não se cuidam direito e sempre querem obter vantagem". O segundo exemplo é uma lembrança da infância. Quando passei férias em São Luis do Maranhão, pedi aos meus pais que comprassem arco, flecha e um cocar, vendidos em um centro de artesanato que visitamos. Semanas depois, já em casa, acordei todo mundo com um pesadelo e um mal-estar que me impediam de dormir. A família toda jogou a culpa naqueles objetos pagãos, que foram, por isso, quebrados e queimados.

Estes dois exemplos nos levam à conclusão de que o preconceito ainda associa a cultura indígena a um elemento diabólico e a figura do índio à de um pícaro preguiçoso, cujos hábitos são poucos recomendáveis. A pergunta que coloco aos leitores do **Pernambuco**, sendo este um texto de crítica literária, é a seguinte: de que maneira a literatura contemporânea brasileira está lidando com a cultura indígena? A pergunta é relevante, porque livros publicados nos últimos anos, inclusive com sucesso de crítica, público e premiações literárias, como é o caso de *Nove noites*, de Bernardo Carvalho, ou *Galiléia*, de Ronaldo Correia de Brito, recolocaram a cultura indígena como importante elemento das histórias que contam. É o caso, também, de dois lançamentos recentes: *Yuxin*, novo romance de Ana Miranda, e *Meu destino é ser onça*, de Alberto Mussa.

Associar o índio ao capeta não é novidade e podemos encontrar esta relação nos primeiros esboços da nossa literatura. Os dois principais objetivos da literatura escrita no Brasil, no século XVI, foram a descrição da terra recém-descoberta e a doutrinação das almas. Segundo Silviano Santiago, a visão inicial do território brasileiro como o paraíso na terra começou a ser substituída pela do inferno esverdeado. Deste modo, os jesuítas, em sua catequese, passaram a associar os índios e sua cultura ao demônio. É o que acontece, por exemplo, no *Auto de São Lourenço*, do Padre Anchieta: "Sou Guaixará embriagado/(...) Sou demônio matador". É curioso que em um dos mais recentes livros de Milton Hatoum, *Órfãos do Eldorado* (Cia das Letras, 2008), tenhamos uma aproximação a esta ideia. Acompanhamos a trajetória de Arminto Cordovil, personagem típico de uma das histórias que a nossa ficção mais gosta de contar: a decadência das grandes famílias burguesas diante dos diferentes ciclos de capitalismo da história brasileira. Acompanhamos a progressiva queda de Arminto em direção à loucura e à miséria, processo este guiado pelo seu amor doido por Dinaura, mulher de sangue índio à qual é associada uma atmosfera mágica e de diabólicas ambiguidades. Repete-se, portanto, a representação clichê da "mulher-súcubo que enlouquece os homens", mito que merecia uma elaboração melhor do escritor amazonense.

No romantismo, encontramos o índio revalorizado. Nos romances de Alencar, por exemplo,

personagens como Iracema ou Peri encarnam o que pode haver de mais nobre e puro, em histórias que aproximam o Brasil-colônia dos valores feudais europeus, conforme apontam autores como Alfredo Bosi e Walnice Nogueira Galvão. Em 2004, o romance *A sombra dos homens* (Devir Livraria), do paulista Roberto de Sousa Causo, trouxe a feudalização de volta. Inscrevendo seu livro na tradição da ficção popular de fantasia, Causo tentou escrever uma espécie de *Senhor dos anéis* "brasileiro". No lugar de Aragorn, temos Tajarê, um pós-Peri que sintetiza as forças primitivas da terra, a nobreza de valores e o auge do vigor físico. Ambientado numa floresta brasileira mítica, *A sombra dos homens* mistura a mitologia indígena com elementos da cultura nórdica. A história começa quando esta terra mágica é invadida por vikings, alegorias de um suposto caráter diabólico do "estrangeiro". O plano deles consiste na libertação do maligno deus Loki, adormecido na terra amazônica. Nos seus confrontos com os brancos para defender sua terra do mal, Tajarê acaba se apaixonando pela sacerdotisa viking Sjala e juntos têm um filho, considerado "a união das forças mágicas da terra com os poderes do destino de Loki". Ou seja: os lugares-comuns românticos da união das raças, da pureza da paisagem brasileira e da virtude moral intrínseca dos indígenas são repetidos em prol desta tentativa de encontrar um *ethos* brasileiro genuíno, que justificaria a implantação da ficção de fantasia em nossas letras, quando o mais importante consiste, na verdade, em mudar as nossas ferramentas de interpretação do real: parar com as leituras dicotômicas e interromper o processo de diabolização do outro. Seja este branco ou castanho.

As melhores aproximações entre cultura indígena e literatura contemporânea resgatam uma virtude fundamental de todos os bons textos literários: proporcionar uma vivência, através da linguagem, das *diferenças*, ensinando o nosso imaginário e nossa sensibilidade a reconstruir as pontes degradadas pela violência da história. Às vezes, esta alteridade é levada às últimas consequências, como no já citado *Yuxin*, cujo bom resultado final é prejudicado não pela ideologia, mas sim porque o projeto de reconstituir a subjetividade de uma jovem índia, mediante a musicalidade e a invenção de uma sintaxe própria, redundaram num maneirismo.

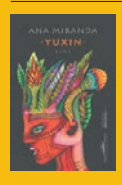
Quem sabe, Ana Miranda quisesse mostrar que fez a "lição de casa", no sentido de que precisava aproveitar todos os dados levantados por uma pesquisa rigorosa, realizada para elaborar o livro: a informação falou mais alto e calou o prazer da leitura. Não é o que acontece na construção do personagem Ismael, de *Galiléia*, romance no qual ficam bem evidentes os deslocamentos produzidos pela tensão entre a cultura indígena, da qual ele descende, e a modernidade. A partir destes deslocamentos, podemos viver junto com Ismael a condição social e familiar de bárbaro, que lhe é imputada pelos outros personagens do romance, sem que caiamos no panfletário, pois Ismael é apresentado sem idealizações e com as devidas contradições humanas.

A abertura à dimensão humana e a imersão na complexidade cultural indígena, tendências bem resolvidas nos exemplos anteriores, são complementadas por *Meu destino é ser onça*. Seu autor, o escritor carioca Alberto Mussa, reconstrói em forma de verso um mito tupinambá sobre o canibalismo numa edição bem pesquisada, que traz inclusive trechos das fontes consultadas. No início do livro, Mussa afirma que "há 15 mil anos somos brasileiros": são as histórias e metáforas que trazem nossos antepassados de volta e nos surpreendem, pois descobrimos que eles vivem no nosso próprio rosto e carne. Suas vozes continuam a cantar. E tentam sobreviver no meio dos ruídos brancos da indiferença.

Nas novas obras, autores reconstroem as pontes degradadas pela violência da história

ÍNDIO FAZER BARULHO

Um mapa de como a literatura contemporânea está olhando o indígena



Yuxin
Autora Ana Miranda
Editora Companhia das Letras
Páginas 334
Preço R$ 51

Nove noites
Autor Bernardo de Carvalho
Editora Companhia das Letras
Páginas 152
Preço R$ 19

Órfãos do Eldorado
Autor Milton Hatoum
Editora Companhia das Letras
Páginas 112
Preço R$ 29

A sombra dos homens
Autor Roberto de Sousa Causo
Editora Devir
Páginas 120
Preço R$ 17

Meu destino é ser onça
Autor Alberto Mussa
Editora Record
Páginas 272
Preço R$ 39,90

ENTREVISTA
Ruy Castro

De como todo um mundo teve início com Alice

Em conversa com o **Pernambuco**, o jornalista e biógrafo revela o princípio das suas paixões literárias, reclama do *internetês* e faz a defesa das oficinas para novos autores

DIVULGAÇÃO

Entrevista a **Rogério Pereira**

***A palavra escrita* seduz Ruy Castro.** Ele deixa-se seduzir há muito tempo. Desse balé harmônico – executado com perfeição entre a literatura e o jornalismo – nasceram biografias como *O anjo pornográfico* (sobre Nelson Rodrigues), *Estrela solitária* (Garrincha) e *Carmen* (Carmen Miranda), livros de ficção (*Bilac vê estrelas* e *Era no tempo do rei*), ensaios, reportagens e crônicas. A sedução lenta e duradoura construiu uma sólida paixão, escancarada em *O leitor apaixonado*, recentemente lançado pela Companhia das Letras, cuja organização é de Heloisa Seixas. É uma coletânea de textos publicados na imprensa brasileira desde a estreia de Ruy Castro como jornalista no final da década de 1960. O epicentro são a literatura e o jornalismo. Sempre com um olhar atento e, muitas vezes, irônico – marcas inconfundíveis da escrita deste mineiro nascido em Caratinga em 1948, mas cuja vida está visceralmente ligada ao Rio de Janeiro, que lhe concedeu o título de cidadão benemérito.

Nesta entrevista ao **Pernambuco**, Ruy Castro fala sobre suas duas grandes paixões: jornalismo e literatura. "A palavra escrita é o grande aval, não? As coisas só parecem ter acontecido depois que a gente as vê impressas", diz. É fácil concordar. Ele também divide com os leitores suas críticas em relação às restrições que sofrem os biógrafos no Brasil, sobretudo após a polêmica que seu livro sobre o jogador Garrincha enfrentou. "É a lei da mordaça, nas barbas desse Código Civil frankenstein que existe no Brasil.", reclamou. Confira agora os melhores momentos da entrevista.

Na apresentação de *O leitor apaixonado*, vislumbra-se uma foto de um repórter de 19 anos acompanhando a mítica posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras. O que aquele jovem Ruy Castro buscava nas letras, no jornalismo e na literatura? E o que ele encontrou nestas décadas de vida dedicadas à arte de ler e escrever?
Naquela noite de novembro de 1967, eu tinha exatamente nove meses de profissão, já estava no meu segundo emprego e me sentia um veterano – começara no *Correio da Manhã* em março, como repórter, e, em fins de outubro, a *Manchete*, que ainda era a revista mais poderosa do Brasil, me convidara a ir para lá, também como repórter. A cobertura da posse do Rosa foi uma das minhas primeiras saídas pela revista. Àquela altura, eu já deixara temporariamente de lado a ideia de que iria usar o jornal para escrever ensaios profundos e pretensiosos sobre cinema, literatura, música popular etc. – que foi o que pensei no começo do ano, quando o José Lino Grünewald me levou ao Newton Rodrigues, redator-chefe do *Correio*, sugerindo a minha contratação – e já me sentia totalmente à vontade numa revista semanal ilustrada, entrevistando pessoas da área cultural ou de outras áreas. O responsável por isso fora o Newton, ao me aceitar no jornal e me mandar para a reportagem geral, não para o Segundo Caderno. Na hora fiquei chateado, porque a geral significava cobrir áreas sem o menor charme, como polícia, hospital e esgoto de rua – numa época em que a vida cultural carioca estava fervendo, com o cinema novo, o teatro de agressão, Tom Jobim gravando com Frank Sinatra, os primeiros festivais da canção, o movimento estudantil etc. Mas aceitei, claro, porque meu sonho era trabalhar no *Correio da*

> *O problema dos jornais de hoje é que eles quase não têm mais o charme dos antigos colunistas e cronistas*

> *Quando ouço alguém dizer que 'pesquisou' a meu respeito no Google, já sei que vem besteira a caminho*

Manhã, não importava onde – se precisasse, aceitaria cobrir turfe ou jardinagem. E aconteceu que essa experiência com a reportagem braba me quebrou um pouco a crista e me fez ver o quanto eu tinha de aprender se quisesse continuar em jornal. Comecei a achar ótimo sair com aqueles fotógrafos cascudos, que não davam boa vida a repórter, e a fazer matérias em dupla com os outros rapazes, alguns pouco mais velhos do que eu, mas já com dois ou três anos de jornal. E, na verdade, não demorei muito a emplacar pautas também no Segundo Caderno, então editado pelo José Lino. Além disso, desde cedo me interessei por toda a operação: entregava a matéria ao editor e ia com ele ao arquivo procurar fotos para ilustrar a matéria, ficava ao lado do diagramador para ver como ele ia jogar o texto na página e já lhe entregava os títulos, subtítulos e legendas antes que ele terminasse o trabalho.

O prólogo da coletânea (*Começou com Alice*) é uma espécie de declaração de amor à literatura: "A vida não é mais a mesma depois que se penetra no reino das palavras". Que poder transformador tem a literatura na vida cotidiana das pessoas?
A palavra escrita é o grande aval, não? As coisas só parecem ter acontecido depois que a gente as vê impressas. No meu caso, foi fundamental. Veja bem, nasci em 1948, aprendi a ler entre 1952 e 1953 e, desde então, me senti contemporâneo de tudo de importante que me passou pelos olhos: morte do cantor Francisco Alves em 1952, várias "invasões" de discos voadores em 1953, estouro da Marilyn Monroe no cinema em 1954, suicídio do Getúlio no mesmo ano, morte da Carmen Miranda em 1955 etc. Ouvia meu pai e seus amigos falando desses assuntos e, depois, lia sobre eles nos jornais e revistas que rolavam pela minha casa – *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Ultima Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *O Cruzeiro*, *Vida Doméstica*, *Mundo Ilustrado*. E eles só pareciam existir porque o jornal ou revista falava deles – as próprias fotos eram avalizadas pelas legendas. A literatura trabalha em outro plano. Li meu primeiro livro também em 1953, *Alice no país das maravilhas*, que ganhei no aniversário de cinco anos. Depois saí com meu pai para comprar eu próprio um livro e, sem ninguém para dar palpite, escolhi *Tarzan, o filho das selvas*, do Edgar Rice Burroughs, numa linda edição da coleção Terramarear. Li, adorei, comprei mais Tarzans, descobri o Sherlock Holmes, depois o Arsène Lupin, mergulhei em muito capa-e-espada. E qual a diferença da literatura para com os jornais? É que, no livro, você descobre que os personagens pensam, sentem, amam, odeiam – enfim, têm uma rica vida interior. Parecida com a sua.

No texto *Perigo — palavras enlouquecendo* (2002), ao apontar uma série de barbaridades cometidas diariamente contra a língua portuguesa, o senhor escreve que "num processo galopante de degeneração da língua, estamos falando como zumbis, e os jovens, talvez, mais do que todos". O senhor acredita que a língua portuguesa passa por maus bocados neste momento no Brasil? E a que (ou a quem) o senhor credita este descaso?
Hoje de manhã, uma amiga minha me disse candidamente: "Fulano me adicionou no Facebook" – e, pela minha cara, caiu em si, sentiu o ridículo, viu que estava falando em internetês e começou a rir. Já falamos melhor, não? Apesar dos acréscimos à língua – usamos hoje palavras que não existiam há 20 ou 30 anos, porque não havia função para elas –, temo que o vocabulário de uso corrente tenha sido consideravelmente reduzido. A culpa disso é nossa, que trabalhamos com livros, jornais, revistas... Sempre que deixamos de usar uma palavra ou expressão, porque ela "pode não ser entendida pela maioria", contribuímos para sua morte – e aí é uma ferramenta linguística a menos. Se quiser se certificar do estado deplorável da língua na boca do povo, ouça as entrevistas dos jogadores de futebol depois dos jogos. E todos usam as mesmas palavras: "com certeza", "a gente já sabia" e "agora é levantar a cabeça".

Se por um lado a língua portuguesa não é tratada com galanteios pelo povo, a literatura brasileira parece percorrer um caminho bem mais animador. Nunca o país abrigou tantos festivais, feiras, bienais etc., e também há uma um grande número de prêmios literários. A literatura brasileira passa por um bom momento ou estes sinais que chegam de vários cantos do Brasil têm pouco significado?
A literatura brasileira passa por um bom momento de mercado. Os prêmios, feiras e bienais tornam alguns escritores conhecidos e isso pode ajudá-los a vender mais e a se profissionalizar. É do que precisamos: de escritores profissionais – os gênios virão com o tempo. Ao mesmo tempo, houve uma mudança de escala, fazendo com que certos best-sellers estrangeiros agora saiam aqui com uma tiragem de 800 mil exemplares, segundo suas editoras. Se isso for verdade, que interesse terão em editar um romancista brasileiro estreante que, se vender excepcionalmente bem, não chegará a oito mil?

A leitura do conjunto de textos de *O leitor apaixonado* causa certa nostalgia de uma época romântica do jornalismo, desde os jornais cariocas das décadas entre 1950 e 1970, aos grandes jornais e revistas do mundo feitos há alguns anos. O senhor considera que o jornalismo já teve tempos mais gloriosos do que os vividos atualmente? O que mudou? Por que mudou?
A nostalgia é de vocês, não minha. Acho os jornais de hoje melhores que os dos anos 1950, que eram uma bagunça gráfica, sem qualquer critério editorial, os textos tinham enormes narizes-de-cera e a opinião contaminava permanentemente a informação – uma simples notinha de cinco linhas no *Globo*, por exemplo, era quase um editorial, principalmente se envolvesse comunismo ou algum aspecto moral. A partir da reforma do Janio de Freitas no *Jornal do Brasil*, em 1959, as coisas melhoraram. Mas, mesmo assim, a maioria dos outros jornais levou décadas para seguir o modelo do *JB*, e vários morreram pelo caminho antes de adotá-lo. O que os salvava eram os colunistas: a *Última Hora* tinha Nelson Rodrigues, Antonio Maria e Sergio Porto. O *Correio da Manhã* tinha Carlos Drummond de Andrade e um escrete de críticos – Moniz Vianna e Sérgio Augusto no cinema, Fausto Cunha na literatura, Mario Pedrosa nas artes plásticas. *O Globo* tinha uma ótima seção de esportes, inclusive desde cedo usando cores. Mas não eram jornais fáceis de ler. Os de hoje são mais bem editados, os assuntos são organizados em cadernos. O que eles quase não têm é o charme dos antigos colunistas e cronistas.

Que tipo de benefício a internet pode trazer à literatura? Ou não há benefício algum nesta relação que busca algum tipo de harmonia?
Quando ouço alguém dizer que "pesquisou" a meu respeito no Google, já sei que vem besteira a caminho. O Google só deveria ser acessível a pessoas com, no mínimo, um Ph.D. em história e filosofia [risos]. É um instrumento poderoso demais para ser usado por semi-ignorantes.

É muito comum as biografias causarem grande alvoroço com os familiares dos biografados ou, às vezes, com os próprios biografados. Livros são proibidos de circular. Processos se arrastam na Justiça. Qual a sua opinião sobre a chamada "Lei das Biografias", que pretende alterar o artigo 20 do Código Civil na tentativa de evitar que biografias sejam impedidas de circular?
Totalmente a favor. Qualquer medida que venha proteger a biografia deve ser apoiada, mesmo que venha às custas do biógrafo como pessoa física, que pode ser processado. Eles começaram processando um livro e tirando-o de circulação por um ano, como aconteceu comigo no caso de *Estrela solitária – Um brasileiro chamado Garrincha*, em 1995. Depois processaram, tiraram de circulação e sumiram com o livro do Paulo César Araújo sobre aquele cantor. E agora querem impedir que o Edmundo Leite escreva sua biografia sobre Raul Seixas. É a lei da mordaça, nas barbas desse Código Civil frankenstein que existe no Brasil.

Há pouco tempo, assiste-se a uma proliferação de oficinas de criação literária pelo Brasil. Alguns autores se dizem "formados" em oficinas. Como o senhor avalia este fenômeno?
Bem, eu próprio já dei vários cursos de biografia, no Rio e em São Paulo, e diplomei centenas de alunos. Acredito em oficinas de "criação literária", desde que ministradas por escritores de verdade, não por professores inéditos, e mesmo assim apenas para dar um polimento ou orientação a um talento que já exista no aluno.

CAPA

REPRODUÇÃO

Em defesa de olhar só para o próprio umbigo

Histórias em quadrinhos autobiográficas ajudam o gênero a ganhar definitivo status literário

Carol Almeida

É um exercício prosaico de desembaçar espelhos, de passar a mão sobre a fina camada de umidade que desfoca não apenas os olhos, mas o olhar. O atrito estridente do dedo riscando o vidro abre a imagem, revelando ora aqueles que querem apenas limpar o espelho, ora os que desejam se passar a limpo. A escritora inglesa Daphne Du Maurier costumava dizer que todas as autobiografias tinham propensão à autoindulgência, mas existe algo muito além da redenção no sucesso de vários quadrinistas (quase) anônimos que, com histórias que não temem a autoexposição, conquistam não apenas público, como de uma maneira muito pontual, a crítica literária. Existe a predisposição para uma reflexão mais profunda não apenas sobre a imagem do espelho, mas sobre os motivos que a fizeram passar algum tempo turva em memórias vaporizadas.

Em retrospectiva: o americano Art Spiegelman foi o primeiro quadrinista a ganhar o mais respeitado prêmio literário das Américas, o Pulitzer, com *Maus*, uma história semibiográfica sobre sua família no contexto da Segunda Guerra Mundial.

O também americano Harvey Pekar, sem saber desenhar um boneco de palito, ganhou reconhecimento internacional (e um filme com elenco hollywoodiano) contando em *American splendor*, em quadrinhos, a esgotante trivialidade de seu dia-a-dia.

A iraniana Marjane Satrapi foi traduzida pelos quatro cantos do mundo com *Persépolis* e deu origem a um filme candidato ao Oscar, com uma história em quadrinhos autobiográfica sobre sua infância e adolescência no Irã da Revolução Islâmica.

O chinês Gene Luen Yang foi indicado ao National Book Awards, um dos mais prestigiados prêmios literários do mundo, por sua história em quadrinhos publicada no Brasil sob o título de *O chinês americano*, um roteiro sobre a própria adaptação do autor ao

Os quadrinhos *Fun home* e *Epilético*, editados pela Conrad, são duas vertentes dos HQs autorais

território norte-americano quando ele ainda era uma criança.

De uma maneira geral, a lista de quadrinistas que receberam honrarias literárias está quase sempre ligada a narrativas em que a perspectiva da primeira pessoa fica no ponto de reflexão da história. A relação entre o tom um tanto confessional e a revisão literária que esses autores ganham, a despeito de tudo que é pré-concebido quando se fala em histórias em quadrinhos, não é casual e certamente está longe de ser nova. Mas sua ascensão no status do mercado literário está em sincronia, ainda que não seja resultado disso, com uma crescente cultura do umbigo exposto, seja em blogs, vídeos ou nos 140 caracteres do twitter.

Para ligar os pontos entre essas autobiografias e a abordagem literária, três livros podem elucidar melhor de que forma o tom confidente toma uma dimensão de obra-prima e transforma HQs em enobrecidas novelas gráficas, expressão bem mais atraente para editoras que ainda sentem um certo receio, ou precaução editorial, em sublinhar o nome quadrinhos na hora de vender esses enredos ficcionalizados de indivíduos reais: *Fun home* (Conrad), *Epiléptico* (Conrad) e, recentemente publicado no Brasil, *Retalhos* (Companhia das Letras).

A LITERATURA DÓRICA

Quando Alison Bechdel começou a desenhar suas primeiras tiras em quadrinhos, havia o muro de Berlim, as ombreiras, o The Cure e a Perestroika. Não havia internet, o papel ainda era o meio de transporte para as melhores ideias e os guetos não eram artigo de consumo, eles de fato desempenhavam uma função orgânica no acolhimento das minorias. *Dykes to watch out for*, título de suas tiras, podem ser traduzidos em bom português como Sapatões para se ficar de olho. Com humor e um título que dava um certo senso do ridículo para a situação, Alison começou a criar vários personagens dela mesma, usando sempre o tom da pressuposta piada das tiras de quadrinhos para estabelecer uma saudável e precavida distância entre ela e sua representação.

A primeira pessoa se diluía na comicidade da personagem central e, entre o papel de parede das lésbicas de gueto e a imagem de uma autora cuja seriedade estava em não levar nada muito a sério, Alison seguia confortável em um mundo de pouco para poucos. Mas já no amadurecimento de sua narrativa, a quadrinista da subcultura gay decidiu limpar seus óculos e, em uma faxina que durou sete anos de idas e vindas ao papel e a memórias cujas fronteiras sentimentais eram difíceis de se entrar (mais duras ainda de se sair), ela expôs uma intimidade familiar que poucas terapias conseguem exteriorizar. Com isso, saiu pela primeira vez do gueto para se transformar na autora do "livro do ano" de 2006 segundo a revista *Time*. Ficou na frente de vários romances de estreladas revisões críticas.

Fun home, o livro do ano em questão, é um álbum que conta a história dos laços mal amarrados entre Alison e a figura onipotente e onipresente de seu pai, Bruce Bechdel. Confrontados e unidos por suas diferenças, pai e filha têm sua relação emoldurada e disposta sob a luz do olhar alheio. E Alison se desamarra do medo de pular na piscina sem a certeza de que seu pai vai segurá-la.

Entendemos, com essa mesma história, que Alison herdou, ainda que a contragosto, o elemento literato de seu pai. Muito mais do que vários cartunistas de sua geração e de gerações posteriores, ela tem uma leitura distinta, refinada, estimulada por valas emocionais e sua escrita reflete isso. O texto, por si só, é subsídio suficiente para perceber que se está diante de alguém com o completo domínio das palavras e que, no entanto, não abre mão de sustentá-las sob fortes colunas dóricas do desenho. Seu traço, um tanto cartunizado, simétrico e arquitetônico, é aquilo que projeta o texto e é o que, de fato, expõe.

A LITERATURA DO DRAGÃO

Pierre-François Beauchard, assim como vários meninos, começou a desenhar porque queria ser senhor de seu próprio reino e, também a exemplo de várias crianças, cresceu para entender que o mundo inventado do grafite transparecia um incômodo qualquer com a realidade da mesa de jantar. Beauchard, que nunca parou de desenhar, logo entendeu o que lhe incomodava e, na mesma proporção, o comovia: dor. Em lugar de fechar a ferida com costuras mal remendadas da estabilidade emocional, ele decidiu tomar o bisturi para si próprio e reabrir seu corpo para os demônios que, por tanto tempo, ele havia guardado nas vísceras de seu mundo imaginado. Construído sob um contexto dos anos 1960, quando os homens começavam a romper o espaço sideral e sua própria ideia de humanidade.

Foi então que David B., o nome inventado de Beauchard, fez pública uma série de histórias batizadas de *Epiléptico* – no Brasil publicada em dois volumes. No centro da narrativa, dois personagens: uma doença e uma família que fermentou seus vínculos dentro dela. A obra se constrói então como um pedido de desculpa, confissão de pequenos crimes e, por que não, uma tentativa de se redimir de pecados infantis, amadores e, nem por isso, menos cruéis. Jean-Christophe, irmão de Pierre-François, sofre de epilepsia e é da doença que surge a saga da família em busca da cura do primogênito, numa história de abdicação de valores, egoísmo e autoestima.

Em movimento avesso àquele de Alison Bechdel, David B. abre a imagem antes do texto. No desenho dos dragões, samurais e das batalhas épicas dos primeiros rascunhos, ele poetiza a pedra, aqui representada pela solidez do chão para onde se desabava sempre que seu irmão sofria uma crise. Por poetizar, engana-se quem imagina que o artista tenta amortizar esse impacto com a imagem. David B. quer acentuar a queda com uma história em que há uma necessidade vital de expurgar tumores criados no apagar das luzes.

Pela formação família-burguesa-francesa-de-espírito-livre, o autor carrega um vasto repertório de referências textuais e, com sua habilidade para o traço curvilíneo, hábil do preto e branco, David B. cria uma coreografia perfeita entre os dois suportes, sem temer subir o volume das imagens ou das palavras em tempos diferentes.

A LITERATURA DO DESBATISMO

Os objetos em cena são semelhantes àqueles do artista francês David B.: menino encontra no desenho o escapismo para uma família que sufoca suas asas. O contexto de Craig Thompson, no entanto, é bastante distinto. Mais jovem que Alison Bechdel e Pierre-François Beauchard, ele cresceu em um microcosmo do puritanismo americano. Filho de pais religiosos, Craig passou boa parte da infância e adolescência temendo a punição divina.

Para conseguir carregar o peso da culpa cristã sem se afundar na fina camada de neve, ele desenhava. Mais tarde, isso se transformou não apenas na sua melhor forma de comunicação com o mundo externo, como na maneira menos dolorosa dele entender que podia abdicar de tudo, até mesmo de sua fé, para conquistar o céu do "mundo perfeito, onde não existe dor e todos ficam bem". Essa transição herege que o transformou em uma pessoa adulta era algo que Craig guardava em uma caixa de fundo de armário. No dia que resolveu abrir esse pacote, passou quase quatro anos revendo a liturgia de suas escolhas.

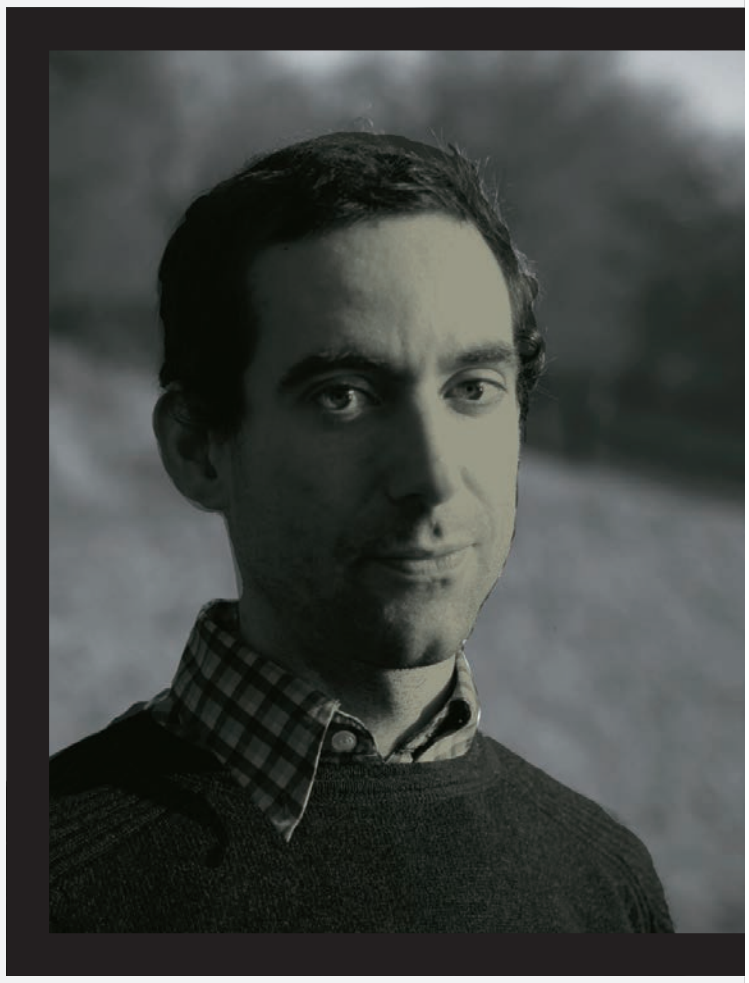
O resultado foi a publicação de *Retalhos*, livro que, no Brasil, ganhou uma contracapa cheia de depoimentos exaltando as qualidades romancistas do autor: "É o que chamo de literatura", diz o testemunho do cartunista Jules Feiffer. Curiosamente, ao contrário de Alison Bechdel e David B., Craig Thompson não teve uma leitura, nem brechas burguesas, para acumular uma experiência literária que fosse além dos versos bíblicos.

O resultado disso se constitui em uma obra de espontânea confissão, onde imagem e texto fluem um desenho único, intuitivo e um tanto ingênuo.

tentativa_capa.indd 13 20/10/2009 09:51:26

CAPA

REPRODUÇÃO



Retalhos (acima) é uma das HQs do circuito independente de maior sucesso de crítica e público

Não há na obra de Craig Thompson um rebuscamento das ideias, todas elas são despejadas sobre a mesa ainda um tanto cruas. O que existe é sim uma consciência bastante amadurecida de como o ato de não temperar pode refletir um intenso pensamento crítico e de uma latente consciência do homem diante dele mesmo. Essa reflexão vem sob a forma de muitas páginas em que nem uma só palavra é dita. Craig tem o fluxo de desenho de uma criança que precisa se ocupar de seus sonhos, mas escreve esses desenhos como poucos adultos conseguem encarar seus pesadelos.

RÓTULOS NO LIXO

Família, frustrações, segredos guardados entre quatro paredes. Elementos comuns não apenas às três obras acima citadas, como à vida de boa parte dos seres humanos cujo ciclo de maturação pressupõe um desprendimento da infância e de tudo que a cerca. *Fun home*, *Epiléptico* e *Retalhos* não são mundos novos, épicos ou nobres. E por isso mesmo fascinam, pois que são familiares e, de uma forma muito tocante, chegam a ser íntimas para vários leitores.

A ligação entre essas obras e seus méritos literários é tão simples quanto desenhar uma linha apoiada sobre a régua: todas essas histórias são brilhantemente contadas e o que seria a literatura senão uma história muito bem contada? O que nos leva a entender que a literatura pode estar em um filme, música ou histórias em quadrinhos, autobiográficas ou não. Casos então em que a mensagem independe do meio. Existe, porém, algo tanto na dinâmica dos quadrinhos quanto no conteúdo autobiográfico das pessoas comuns que chamam atenção da crítica literária.

A primeira distinção se deve em função ao raro e precioso conhecimento de espaço/tempo que todos os autores aqui citados possuem, e isso é algo próprio dos quadrinhos e de mais nenhuma outra forma de comunicação. O controle que esses autores têm das fissuras entre um quadro e outro e o domínio da experiência do virar de páginas é intenso, profundo e complexo. Isso é o que se chama arte.

A segunda diferença, que diz respeito ao teor confessional das obras, se explica pelo medo. O ponto em comum que faz de qualquer história uma obra-prima é perceber que ela é despida do maior inimigo literário, o medo. Bruxa como era, Clarice Lispector certa vez analisou contos do jornalista José Castello e afirmou, para decepção dele, que seu texto estava cheio de medo e que, para escrever, nenhum autor poderia estender a mão a qualquer tipo de receio. Alison Bechdel, David B. e Craig Thompson, assim como vários quadrinistas que expuseram suas vidas, foram impulsionados pelo monstro debaixo da cama e pela a luz na fresta da porta. Se conseguiram ou não superar esses pequenos grandes traumas familiares é uma questão interna, que não diz respeito ao público. Mas o fato é que todos encararam esses medos e fizeram dos quadrinhos apenas um meio para transmitir a mensagem de uma vital exposição emocional. E isso é o que se chama literatura.

Existe algo tanto na dinâmica das HQs quanto no seu conteúdo autobiográfico que chamam atenção da crítica literária

E se a literatura é definida pelo verbete do Houaiss como "uso estético da linguagem escrita", então esses três artistas, assim como vários outros, não fazem literatura, não fazem arte, fazem tudo ao mesmo tempo e, ainda que para benefício do produto editorial, não podem ser categorizados em nenhuma prateleira de livraria.

A arte ou literatura, ou ambos, dos quadrinhos autobiográficos seduz quando a narrativa é bem moldada e quando a proximidade entre o cotidiano de quem lê se espelha nas páginas de quem escreve. O comum aproxima e une. Assim como o medo. E o medo nunca, nunca mesmo, é autoindulgente.

Vidas em prol da ficção

Autores e editores comentam o uso indiscriminado do "eu" nos quadrinhos

Dos impulsos e das repercussões internas (para os autores) e externas (para o mercado) de uma história em quadrinhos autobiográfica, quem pode melhor falar são as partes envolvidas no caso. Conversamos com três autores (dois autobiográficos e um não) e dois editores de quadrinhos no Brasil para entender o que eles percebem como autobiografia, exposição, literatura, meio, mensagem e outros assuntos triviais.

Entre os autores, os entrevistados foram Alison Bechdel, de *Fun home* (e cujo próximo trabalho, como ela anuncia aqui, também será autobiográfico), Craig Thompson, que assina *Retalhos*, e Dash Shaw, cuja obra foi recentemente publicada no Brasil no livro *Umbigo sem fundo*.

Shaw não é um quadrinista autobiográfico, mas curiosamente sua narrativa em *Umbigo sem fundo* já foi comparada algumas vezes a roteiros pessoais pelo ambiente de traumas familiares e por aquilo que o editor André Conti chama de "acerto de contas", característica presente em praticamente toda a história em quadrinhos autobiográfica. **(Carol Almeida)**

Na página 14, Craig Thompson, autor de *Retalhos*. Nesta página, Alison Bechdel, autora de *Fun house* (topo), e Dash Shaw, autor de *Umbigo sem fundo*.

Já entre os editores, conversamos com o citado André Conti, que assumiu o jovem selo de quadrinhos da editora Companhia das Letras, e com Rogério de Campos, editor da Conrad, que acumula mais de 10 anos de experiência com os chamados quadrinhos independentes.

Não deu para reunir todos em uma mesma sala, mas em uma tentativa de dialogar algumas ideias entre editores e artistas, vamos cruzar alguns desses depoimentos como uma longa e ininterrupta conversa:

Alison Bechdel: Acho que existe algo a respeito dos quadrinhos que é peculiarmente condutivo de uma escrita autobiográfica. Alguns dos melhores quadrinhos são autobiográficos, parece haver uma relação disso à forma.

Craig Thompson: Acho que, nos quadrinhos, tudo parece mais íntimo e voyeurístico, porque é algo desenhado a mão, feito a mão.

André Conti: Penso que essa geração de quadrinistas que publica agora autobiografias tem uma leitura que as induziu a esse tipo de narrativa. Isso talvez tenha a ver com os livros que essas pessoas leram. A geração beat, por exemplo, tinha uma literatura essencialmente autobiográfica e vários desses autores terminaram sendo inspirados por isso.

Alison Bechdel: Escrever é mais mediado, quando você escreve um romance, você não vê a pessoa escrevendo. Há algo mais nesse processo de se desenhar. As pessoas sentem vontade de ler uma autobiografia cartunizada mesmo que ela seja sobre alguém que não se conhece, porque elas estão interessadas no próprio formato.

Dash Shaw: A natureza do desenho é um pouco confessional e biográfica.

Craig Thompson: Não planejava escrever esse tipo de livro, meio que aconteceu a despeito de mim mesmo. Porque em nenhum momento me tolhi em pensar "não, não vou colocar esse tipo de coisa aí" e a questão da religião realmente emergiu enquanto eu ia escrevendo. Achava que ia ser apenas uma história sobre meu irmão e depois a coisa romance colegial. E aí me dei conta que precisava encarar esses assuntos, especialmente no que diz respeito a meu relacionamento com meus pais. Sobre sair do armário quanto à minha própria espiritualidade.

Alison Bechdel: É fácil se esconder por trás de um personagem fictício. Naturalmente, meus personagens fictícios em *Dykes to watch out for* eram todos versões de mim mesma e eu estava ciente disso. Acho que a diferença entre *Dykes to watch out for* e *Fun home* é o grau de autorrevelação. Toda a história de autobiografias é se revelar. É isso que eu acho tão revigorante. Na minha tira de quadrinhos, não me envolvo num mesmo nível de introspecção. Na tira existe mais uma versão superficial de mim mesma. São os assuntos mais profundos que me excitam.

Dash Shaw: Tenho amigos que fazem quadrinhos autobiográficos e que não saberiam como escrever uma outra história. Nunca fiz isso porque quero estar em um lugar distinto. Outro ambiente, cercado pelos mais diferentes personagens. Nunca desenharia algo que fosse minha realidade.

Alison Bechdel: É quase como se eu estivesse criando uma ficção de minha própria vida. Acho que trabalho de forma semelhante a um escritor ficcional, tentando construir uma narrativa. Sinto apenas que eles (escritores de ficção) têm mais liberdade de mexer na cronologia das coisas, por exemplo. Mas sinto que não há uma linha que distingue ficção de não-ficção, como eu achava que havia.

Dash Shaw: Meus personagens desenharam a eles mesmos. Agora, claro, existe aqui e ali um ou outro elemento seu nos personagens, porque isso acontece com qualquer história. Mas de uma maneira geral, *Umbigo sem fundo* não tem nada a ver com minha vida.

André Conti: Com algumas exceções, poucos quadrinhos autobiográficos são sobre o dia-a-dia desses quadrinistas, como é o caso de Harvey Pekar. Na maior parte dos casos dos livros autobiográficos, existe uma questão de acerto de contas com o passado. Art Spigelman precisava acertar a conta com seus pais, Marnaje Satrapi precisava acertar as contas com aquele Irã da Revolução Islâmica.

Rogério de Campos: Uma das características da Marjane Satrapi é que, apesar de haver um contexto histórico especial que é dramático, existem elementos cotidianos ali com que qualquer pessoa se identifica. O elemento da proximidade é a constante nessas autobiografias.

Alison Bechdel: Foi duro ter que emular todo aquele material. Todas as minhas respostas emocionais a fatos reais, a coisas que aconteceram ,e colocar tudo aquilo em ordem num formato visual que fizesse sentido... Foi um processo bem lento que durou sete anos. Tive que aprender minha própria técnica enquanto eu ia criando o livro.

Craig Thompson: Passei três anos e meio fazendo *Retalhos*.

Alison Bechdel: Estou escrevendo outro livro de memórias e o processo está bem lento também. Espero que não leve sete anos novamente. Bem, pelo menos agora eu tenho um *deadline*. Esse próximo trabalho será uma autobiografia sobre o desafio das autobiografias. Acho que é um pouco cerebral. Na superfície, é sobre relacionamentos. Falo de relacionamentos românticos que tive e do relacionamento com minha mãe, na infância e na vida adulta.

Rogério de Campos: Acredito que há um choque de realidade em alguns desses quadrinhos. De repente, você vê um ônibus e aquilo lhe é familiar. Tem um quê de pré-blog. Digamos que seria um blog com virtuosismo total.

Craig Thompson: Acho que a popularidade desses quadrinhos e novelas gráficas é sincronizada com a era da internet. Há uma nova geração de pessoas que sentem o impulso de expor a mundanidade de suas vidas. Sim, acho que existe um novo interesse e fome por esse tipo de material.

Rogério de Campos: Surge uma geração em que as pessoas querem se comunicar, os quadrinhos autobiográficos têm uma coisa que funciona muito bem, porque ao mesmo tempo em que eles têm uma linguagem e uma apreensão de massa, ele tem uma feitura de literatura, porque você faz sozinho, cria um espaço de uma liberdade e de uma intimidade. E o melhor lugar pra se expressar essa memória é nos quadrinhos.

André Conti: Mas já se fazia quadrinhos autobiográficos muito antes de redes sociais online ou da própria internet existir. Existe uma longa tradição dos quadrinhos independentes em produzir histórias autobiográficas. Robert Crumb é um bom exemplo disso. Acho que a discussão de se quadrinhos é literatura ou não é meio envelhecida. Creio que essa situação se resolveu ali em 1992 quando Spiegelman ganhou o Pulitzer. O que existe são os quadrinhos de linha de montagem, feitos por várias pessoas, e os quadrinhos autorais. Alguns têm características literárias, mas aí podemos dizer que vários outros meios também podem possuir essas características, como o cinema, por exemplo.

Alison Bechdel: Mostrei à minha família rascunhos do livro enquanto eu escrevia, de forma que não foi uma grande surpresa para eles, não houve objeção. Mas sei que foi duro pra minha mãe, não exatamente o livro em si, mas o impacto que ele teve. Acho que se o livro não tivesse recebido tanta atenção, ela não se importaria. Mas de uma hora pra outra, todo mundo estava lendo. Ela se sentiu exposta de uma maneira que não havia antecipado.

Craig Thompson: Meu irmão adorou o livro, mas meus pais ficaram realmente chateados por um tempo. Definitivamente eles não conseguiram lidar muito bem com o livro no começo. Para o meu pai foi algo mais pessoal, minha mãe entendeu tudo em um plano mais espiritual. Ambos acharam que meu livro era satânico, que eu iria pro inferno, de forma que tivemos algumas brigas nos anos que se seguiram a *Retalhos*, mas recentemente as coisas melhoraram bastante. É um tanto estranho, mas eles passaram a ter um certo sentimento de orgulho em torno do livro. Pelo menos parece assim.

tentativa_capa.indd 15 20/10/2009 09:51:31

ARTIGO

FLÁVIO PESSOA

Os fins justificam os meios (literalmente)

Por que não driblar páginas e páginas e ir direto ao final de uma obra?

Luiz Carlos Pinto

O ato de esgueirar-se e ler a última página de um livro não deveria ser tão mal visto – é perfeitamente compreensível. E, embora possa-se argumentar que seja comodismo ou covardia, também penso ser justificável escolher um livro apenas pelo seu final. Assim como a miríade de começos, que alguém certamente terá catalogado e quem sabe até hierarquizado, os fins de livro também são tão variados quanto os títulos que já se escreveu e que se poderá escrever. Vou arriscar aqui comentar alguns desses tipos que me ocorreram quando escrevi sobre os Grandes Começos de livros, na edição passada do Pernambuco.

Como não poderia deixar de ser, há aqueles finais que são conclusivos, que põe um ponto final à história. É assim com *O leopardo*, de Lampedusa, cuja melancolia se deve ao fato de ser o retrato de uma época que degringolava, com certo atraso, na Itália. O fim do cão empalhado do Conde de Salina – o Leopardo do título – expressa bem essa melancolia.

No momento em que arrastavam a carcaça para fora, os olhos de vidro fixaram-na com a humilde repreensão das coisas que se rejeitam, que se querem anular. Poucos minutos depois, o que restava de Bendicò foi arrojado para o canto do pátio que o carro do lixo visitava todos os dias. Durante o voo, janela abaixo, a sua forma recompôs-se um instante: dir-se-ia dançar no ar um quadrúpede de longos bigodes, e a destra anterior erguida parecia amaldiçoar. Depois a paz tornou a cair sobre um montículo de poeira lívida.

Também é conclusivo o fim com que Euclides da Cunha fecha *Os sertões*, embora mais recapitulador. Não é bem a imagem dos últimos seis da Canudos "que não se rendeu", mas o destino do corpo do beato que o jornalista do *Estado de São Paulo* escolhe para suas últimas linhas:

Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava afinal extinto, aquele terribilíssimo antagonista.

Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca jeitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-lha; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores.

Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura...

Também finalizador como uma faca no coração é *O processo*, de Kafka:

Mas na garganta de K. colocavam-se as mãos de um dos senhores, enquanto o outro cravava a faca profundamente no seu coração e a virava duas vezes. Com os olhos que se apagavam, K.ainda viu os senhores perto de seu rosto, apoiados um no outro, as faces coladas, observando o momento da decisão.

Como um cão – disse K.

Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele.

Com isso escapo da tentação de citar um dos mais (ou o mais?) conclusivo e recapitulador dos finais de que me lembro, o de *Cem anos de solidão*, tantas vezes já lembrado.

Contrário a esse aspecto, digamos, mais cartesiano, dois outros livros se destacam por suas formas únicas de terminar. Um deles é *Finnegans Wake*, de James, James Joyce. O elemento especial não está exatamente no fato de que a última frase é também a primeira do livro. Esse aspecto circular está em franca sintonia com a influência que o filósofo Giambattista Vico exerceu sobre Joyce. O fim de *Finnegans Wake* é especial porque o livro assim o exigia: um fluxo de uma consciência feminina do humano que deságua no mar, este, um pai caudaloso, que flui novamente no início da obra. Aqui, com tradução de Donaldo Schüler.

Estou de partida. Que amargo fim! Sorrateiramente partirei antes que acordem. Não vão me ver. Nem saber. Nem recordar-me. E é velha e velha é triste e velha é triste e exausta volto a ti, velhegélido pai, velhegélido indômito pai, meu velhegélido indômito, patético pai, até a mara vista da mera forma dele, as miolhas e miolhas dele, monotonando, me ressalgam, me ressacam e me arremesso, meu início, em teus braços. Eis que se elevam! Salvem-me desses terríveis dentes! Dos más uno dos homomentos mais. Só. Avelaval. Minhas folhas derivam de mim. Todas. Só esta me resta. Paro e porto comigo. Pra remembrança de. Lff! Suave esta manhã, tanto, a nossa. Sim. Leva-me contigo, papito, como quando quedos percorremos a feira dos brinquedos! Se eu o visse baixar sobre mim sob suas alvestendidas asas como que vindo de Arkângelos, penso que pensa findaria a seus pés, húmil, dúbil, débil, laudante. Sim, tá em tempo. Cá estamos. Início. Passamos pastagens, basculhem o bosque a. Vvôo! Gaivvota. Gaivvootas. Apelos do pai. Já vou, pai. Eis o fim. Nós então. Finn, revém! Toma. Serenamente, rememora-me! Té que thausentes. Lps. As chaves a. Cá tens! A via a lenta a leve a leta a longa.

Também na mesma linha, *O jogo de amarelinha*, de Julio Cortázar, posto que à sua maneira este livro é muitos livros, mas é, sobretudo, dois livros – para usar as palavras do autor. O leitor fica convidado a escolher. Eu escolho esta:

Era assim, a harmonia durava incrivelmente, não havia palavras para responder à bondade daqueles dois ali embaixo, olhando para ele e lhe falando, de dentro do jogo de amarelinha, porque, sem perceber, Talita estava parada na casa três e Traveler tinha um pé na seis, de maneira que a única coisa que ele podia fazer era mover um pouco a mão direita, numa saudação tímida, e ficar olhando para Maga, para Manú, dizendo a si mesmo que, no fim das contas, algum encontro havia, embora não pudesse durar mais do que aquele instante terrivelmente doce, no qual a melhor coisa a fazer, sem sombra de dúvida, teria sido inclinar-se um pouco para fora e deixar-se cair, paf, acabou-se.

Há os fins que não terminam, ou melhor, que apenas indicam o fim do livro, não da história. Aliás, penso ser interessante as histórias que continuam para além do livro, noutro canto, talvez no leitor. Assim é que termina Thomas Mann seu *A montanha mágica*:

Adeus – para a vida ou para a morte! Tens poucas probabilidades a teu favor. O macabro baile ao qual te arrastaram durará ainda vários anos malignos. Não queremos apostar muita coisa na tua possibilidade de escapar. Para falar com franqueza, não sentimos grandes escrúpulos ao deixar indecisa essa questão. Certas aventuras da carne e do espírito, sublimando a tua singeleza, fizeram teu espírito sobreviver ao que tua carne dificilmente poderá resistir. Momentos houve que, cheio de pressentimentos e absorto na tua obra de "rei", viste brotar da morte e da luxúria carnal um sonho de amor. Será que também da festa universal da morte, da perniciosa febre que ao nosso redor inflama o céu desta noite chuvosa, surgirá um dia o amor?

Finis operis.

E também Dostoiévski, em *Crime e castigo*:

Durante esse dia, Sônia esteve também muito inquieta, mas estava tão alegre, e aquela felicidade era uma surpresa tão grande, que quase tinha medo. Sete anos, somente, sete anos! Na embriaguez das primeiras horas, pouco faltou para que ambos sentissem esses anos como se fossem dias. Raskólnikof ignorava que a nova vida não lhe seria dada de graça e que tinha de a adquirir à força de longos e dolorosos sacrifícios.

Mas aqui começa uma segunda história, da lenta transformação de um homem, da sua regeneração, da sua passagem gradual de um mundo para outro, travando relações com uma nova e até agora completamente desconhecida realidade. Podia ser o motivo de uma nova narração. – A que quisemos oferecer ao leitor termina aqui.

Bukowski, que tanto leu Dostoiévski, termina assim seu *Misto quente*:

Coloquei outra moeda e o calção azul ficou de pé. O garoto começou a apertar seu gatilho e o braço do calção vermelho não parava de socar. Deixei o calção azul afastado por um momento, apenas contemplando. Então fiz um aceno com a cabeça para o garoto. Entrei em ação com o calção azul, os dois braços socando com tudo. Senti que eu precisava ganhar. Senti que aquilo era muito importante. Não sabia por que era importante e fiquei pensando, por que acho que isso é tão importante?

Enquanto outra parte de mim respondia, é por que é.

Então o calção azul voltou a cair, estatelado, emitindo o mesmo ruído metálico. Olhei para ele lá, caído de costas sobre o pequeno tablado de veludo verde.

Depois disso, dei meia-volta e saí caminhando.

Por mais que os personagens de Bukowski sejam criações literárias e o aspecto autobiográfico seja mais um meio que um fim, *Misto quente* tem esse fim que continua noutro canto – no caso, tanto no leitor quanto no próprio escritor.

Entre os enigmáticos finais, Kafka se sobressai, n'*O castelo* – em grande parte porque o livro, interminado, expressa elementos caros a seu autor: o absurdo, a inescrutabilidade de certas dimensões da experiência, o mistério de decisões distantes:

A sala na cabana de Gerstacker estava iluminada fracamente só pela chama do fogão e por um toco de vela, sob cuja luz alguém, inclinado num nicho debaixo das traves do teto, que ali se projetavam oblíquas, lia um livro. Era a mãe de Gerstacker. Ela estendeu a K. a mão trêmula e o mandou sentar-se ao seu lado; falava com esforço, era preciso se esforçar para entendê-la, mas o que ela disse.

Se me permite o leitor, o final de *O estrangeiro*, de Camus, é o meu preferido não por outra coisa, mas pelo coração com o que seu autor escreve todo o capítulo, em especial seu diálogo com o padre que visita o personagem na cela, antes de sua aniquilação:

Pela primeira vez, em muito tempo, pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida, arranjaram um "noivo", porque recomeçara. Lá, também lá, ao redor daquele asilo onde as vidas se apagavam, a noite era como uma trégua melancólica. Tão perto da morte, mamãe deve ter-se sentido liberada e pronta a reviver tudo. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela. Também eu me senti pronto a reviver tudo. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era. Para que tudo se consumasse, para que me sentisse menos só, faltava-me desejar que houvesse muitos espectadores no dia da minha execução e que me recebessem com gritos de ódio.

INÉDITOS

Alexandre Furtado

Fri-sabor

Um caminho livre é quando sem entraves
Nem graves os problemas
A tarde jogando dados
Descansando frondosa
No corpo das árvores
Farfalhando segredos
Do que se muda no mundo
Imperceptivelmente

Os oitizeiros da Paissandu
A Chora Menino calada
Envolta numa desordem tranquila
Cheia de meiguice, descanso e descaso
Num domingo comum que inspira desvelos
Preguiça e beleza

A sintonia das coisas é de uma promessa
Compartilhada no encanto do almoço
O alvoroço do sorvete a derreter na boca
Sorrindo suave com o gosto da tangerina
Minha infância, minha família, a Boa Vista
A memória vasculhada descobrindo-me em Deus
Que faz de tudo agora uma saudade imponderável

Acaiaca

As retinas de vidro largo
das salas, dos quartos,
miravam abertas os banhistas
do mar sem tamanho, boa viagem

como memória do tempo recente
a arquitetura diferente, moderna
e arrojada marcava a praia
em décadas pra trás, o Acaiaca

que era um nome, era um marco
um ponto de encontro para o chope
a cerveja, a paquera e o domingo
inesquecíveis desde então

um prédio ligeiro, de geometria
pensada, datada numa década de réguas
desmesura na forma a sorrir quadrada
para a imensidão de água na frente,

o exemplo que dividia a geografia
em dois lugares distintos, depois e
antes, diante somente a areia quente
de sol beijada, como um tapete

para o vulto de concreto a nos dizer
dos ritmos, dos segredos dos coqueiros
em lua cheia, os movimentos de maré
que sabe descalça dos mistérios do tempo

SOBRE O AUTOR

Alexandre Furtado nasceu no Recife. É doutor em Teoria da Literatura pela UFPE e professor da Fafire e da Facho.

História, ciência e atualidades em bons livros

DICIONÁRIO COROGRÁFICO, HISTÓRICO E ESTATÍSTICO DE PERNAMBUCO

Sebastião de Vasconcellos Galvão

Publicados em 1908, 1910, 1922 e 1927, os volumes do *Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco*, de Sebastião de Vasconcellos Galvão, ganharam reedição sob a coordenação de Leonardo Dantas.

R$ 150,00

ADMINISTRAÇÃO DA CONQUISTA

José Antônio Gonsalves de Mello

Neste trabalho acerca do Brasil holandês, José Antônio Gonsalves de Mello supera seu poder de síntese e de historiógrafo, fazendo um esboço da organização das terras conquistadas pela Companhia das Índias Ocidentais.

R$ 25,00

A ECONOMIA AÇUCAREIRA

José Antônio Gonsalves de Mello

O livro aborda a produção açucareira de Pernambuco – base do sistema econômico no Brasil holandês –, cujos 149 engenhos vieram a atingir, em 1641, a produção de 447.562 arrobas, e discute o engenho como comunidade autônoma.

R$ 25,00

HISTÓRIA DA GUERRA DE PERNAMBUCO

Diogo Lopes Santiago

É um testemunho pessoal de Diogo Lopes Santiago, que residia em Pernambuco à época da invasão holandesa e ao início da Insurreição Pernambucana, em crônicas e diários, resultando numa narrativa minuciosa.

R$ 40,00

DIÁRIO DE UM SOLDADO

Ambrósio Richshoffer

OLINDA CONQUISTADA

Pe. João Baers

Coletânea sobre o período do Brasil holandês, apresenta as obras de Ambrósio Richshoffer e do Pe. João Baers. Duas visões de um mesmo momento histórico, descrevendo o dia a dia do domínio holandês no Brasil.

R$ 30,00

O VALEROSO LUCIDENO

Frei Manoel Calado

Os dois volumes englobam uma extensa bibliografia sobre o Brasil holandês, e contêm o testemunho do frei Manoel Calado do Salvador, um contemporâneo e participante da ocupação holandesa no Nordeste.

R$ 25,00 (unid.)

O CASO EU CONTO COMO O CASO FOI

Paulo Cavalcanti

Composta por quatro volumes, a obra, que tem como subtítulo geral Memórias Políticas, narra as experiências de Paulo Cavalcanti dentro do contexto sociopolítico que vai da Coluna Prestes ao fim da ditadura.

Caixa com 4 livros – R$ 120,00

DOM HELDER – CIRCULARES CONCILIARES E CIRCULARES INTERCONCILIARES

Luís Carlos Luz Marques e Zildo Rocha (Org.)

Em cerca de 600 cartas, Dom Helder Camara expõe suas ideias e relata sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II, que levou a Igreja latino-americana a assumir a opção pelos pobres e a tomar partido pela justiça social.

Caixa com 6 livros – R$ 160,00

MARCO ZERO

Alberto da Cunha Melo

O jornalista e poeta pernambucano Alberto da Cunha Melo assinou a coluna Marco Zero, na revista Continente, sobre questões culturais. Este livro é uma coletânea de seus melhores momentos.

R$ 24,00

LANÇAMENTOS RECENTES

ALIMENTAÇÃO E SOCIEDADE

Nelson Chaves – Maria Christina de Almeida Costa e Eunice Salzano Lago (Org.)

Incansável no combate à fome e na defesa da criança desassistida, Nelson Chaves contribuiu para a causa com importantes pesquisas no campo da Nutrição e através dos artigos que quase semanalmente publicava na imprensa pernambucana, reunidos neste livro.

EÇA DE QUEIROZ – AGITADOR NO BRASIL

Paulo Cavalcanti (edição em inglês e português)

Eça de Queiroz, agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiana, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

O GIRASSOL

Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que a poesia de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mas penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

Cepe EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO 0800 081 1201 *livros@cepe.com.br*

INÉDITOS

José Teles

Xanadu

I

E se ela aparecesse agora, andar sinuoso, cabelos finos, encaracolados, rindo com todos os dentes à mostra, o que eu faria? Fingiria uma indiferença blasé, ou correria para a abraçar? Sinceramente, não sei qual seria a minha reação.

A primeira vez que a vi reagi identicamente a todos que se encontravam na festa. Ao entrar, Isa atraiu sobre si olhares concupiscentes dos homens e invejosos das mulheres. Inevitável, provocava ambos os sentimentos. Comigo não aconteceu diferente: ela me despertou admiração e desejo.

Isa era um animal belíssimo, perfeito: olhos castanhos claros, nariz afilado, boca bem delineada, traços levemente amestiçados, denunciados pela tez amorenada, ma non troppo. Nádegas protuberantes e sensuais. "Tenho bunda de negrona de Angola'', jactava-se. Esbelta, alta, aparentemente magra, ao desnudar-se, no entanto, revelava uma exuberância inesperada: busto cheio e firme, coxas surpreendentemente grossas, de carne dura, paradoxalmente macias, ancas largas, a pele coberta por excitante camada aveludada de penugem, dourada pelo sol e mar.

Fomos apresentados. Ela se chamava Anallise, com dois ls, porém considerava o nome pedante e até se assinava como Isa. Isa Monteiro. Nome de batismo: Anallise Katz Rauchemberg. A família era judaica. Mas diferente, fez questão de ressaltar. Nem eram milionários, nem ortodoxos praticantes dos preceitos e normas da religião. O Monteiro foi herdado do ex-marido. Não sabia explicar bem a razão de continuar usando-o. Talvez porque precisasse explicar menos como se escrevia. Aprovei a escolha, os sobrenomes Katz Rauchemberg, soavam muito duro, não condiziam com a feminilidade de quem os portava.

Não nos largamos durante a festa inteira. Simpatia mútua. O que românticos provavelmente definiriam como amor à primeira vista.

Isa tinha 31 anos, desfizera o casamento há pouco mais de seis meses. Recusara a pensão do ex. Sustentava-se com o salário ganho como advogada em uma multinacional. A entonação da voz, grave e ao mesmo tempo feminina, dava a impressão de alguém muito senhora de si, mas se confessou tímida e insegura. Mantinha a sanidade apoiada em duas sessões semanais de ortodoxa análise freudiana e, quando eram necessários, comprimidos.

– Não fosse o divã eu enlouqueceria, confidenciou.

Isa contou ter decidido-se pela análise quando alcançou aquele estágio do absurdo definido por Camus nos ensaios de *O mito de Sísifo*: sua beleza deteriorava-se, logo chegaria ao climatério, daí viriam a aposentadoria e a morte. A vida não passava de uma armadilha do qual o único atalho era o suicídio. Ela não apreciava atalhos. Tratava, pois, de viver o melhor possível, e descarregava as neuras no consultório do seu analista.

– Já que o estupro existencial é inevitável, relax, baby, relax, disse rindo.

Trocamos telefones e começamos a sair juntos na semana seguinte. Sem compromissos, como ela fez questão de ressaltar na primeira vez que fomos para a cama.

Dei-me conta do quanto precisava de Isa uma noite em que não consegui conciliar o sono, apesar de ter sido condignamente ninado por uma amiga prestativa e sorvido, depois da amiga ter ido embora, o conteúdo inteiro de um bordeaux tinto, no gargalo.

Em meio a uma happy hour, numa uisqueria lotada por executivos modernosos, convidei Isa para morar comigo. Disse-lhe que a amava. Mentia, claro, pois não acreditava em amor. Isa era uma necessidade física. Lembro que, ironicamente, naquele instante o toca-fitas do bar tocava *So what?*, de Miles Davis. Isa ficou de pensar na proposta.

Dois meses mais tarde estávamos sob o mesmo teto, dividindo leito, mesa, despesas e as inevitáveis aporrinhações cotidianas.

Não demorou muito para ela se cansar da vidinha conjugal. Esquivava-se quando a convidava para sair comigo, voltava tarde para casa, alegando ter estado com amigas. Eu disfarçava o ciúme que me afligia. Afligia só, não, corroía-me a alma. "I don't love you/ but I need you", uma musiquinha dos Miracles, que os Beatles gravaram. Tudo a ver com Isa. Numa de nossas discussões perguntei por quê ela não me deixava. Respondeu que não sabia a razão, talvez gostasse mesmo de mim, ou talvez insegura de enfrentar novamente o mundo sozinha.

Na primeira vez em que Isa dormiu fora passei a noite em claro, atormentado. Em que braços estaria? Vários caras que conhecíamos não escondiam o tesão que sentiam por ela. Fábio, um agente de viagens, a comia com os olhos, indiferente à minha presença. Os dois tiveram um namorico antes de eu a conhecer. Isa garantiu que nunca treparam. Nem sabia o porquê , comentou cínica, já que o considerava bonito e sexy. O número de Fábio na sua agenda telefônica estava grifado com tinta vermelha.

O ciúme fez-me bisbilhoteiro. Vasculhava-lhe constantemente a bolsa, cautelosamente para não que não notasse. Ela ficava profundamente irritada quando me apanhava mexendo nos seus pertences. Idiossincrasia que queria, se não compreendida, ao menos respeitada, ralhava. Cheirava suas roupas, na ânsia de detectar fragrâncias diferentes. Conhecia bem o aroma dos perfumes que ela usava. Examinava-lhe as calcinhas usadas em busca de manchas comprometedoras...

Desci tanto que as vezes suspeito que o que sinto por Isa seja mesmo amor.

Cheguei ao ridículo de contratar um detetive particular para segui-la. Um bom filho da mãe, por sinal. Ao acertar com o sujeito, por telefone, o imaginei dotado do físico e cinismo de Jack Nicholson em *Chinatown*. Que decepção!

Vou ao seu escritório e deparo-me com um paspalho baixo, de bigodes aparados fininhos, maus dentes e péssimo hálito. Sua indumentária era compatível e complementava-lhe o aspecto: fatiota de tecido grosso, melhor apropriada para o outono europeu, que não combinava nem um pouco com sua calça jeans surrada. Os sapatos já haviam conhecido tempos melhores. Pela aparência do detetive, seria mais sensato eu mesmo vigiar Isa, porém, por conta de uma destas decisões absurdas que vez por outra tomamos, preferi continuar com o idiota. Talvez seu talento estivesse exatamente naquele seu jeito desleixado, ponderei.

SOBRE O AUTOR

José Teles é crítico musical do *Jornal do Commercio*, autor de *Do frevo ao manguebeat* e prepara o primeiro livro de contos.

Contratei-o.

Oscar, o tal detetive, passou um mês torrando meu dinheiro e não revelou nada que eu já não soubesse, ou desconfiasse. Seus relatórios diários descreviam, com deploráveis agravos ao idioma, visitas de Isa a butiques, bares com amigas, e eventuais idas ao condomínio onde vivia a mãe viúva. O cretino enganava-me. Tive a certeza disto numa tarde em que, ia passando por acaso, e flagrei Isa entrando no prédio em que ficava a agência de turismo de Fábio. No seu relatório Oscar omitiu esta ocorrência.

Perto de terminar nosso contrato, menti a Oscar, dizendo que pretendia continuar com ele. Combinamos que eu o apanharia no começo da noite para acertarmos detalhes sobre a investigação.

Ele entrou no carro, cumprimentou-me com um boa-noite recheado de seu bafo de cadáver em putrefação. Não retribui ao cumprimento, estava ocupado em evitar o vômito provocado pelo seu mau hálito, provavelmente oriundo do estômago. E haja estômago pra se suportar tal traste!

Rumei para fora do perímetro urbano.

Oscar quis saber aonde íamos. Não respondi. Estacionei no acostamento da BR 232. Próximo a um matagal. Estava muito escuro. O energúmeno quase chora ao ver a arma na minha mão. Suavemente, praticamente sussurrando, indaguei o que ele estava ganhando ao escamotear tanto a verdade nos seus relatórios. O canalha revelou ter sido desmascarado logo na primeira semana de investigação e que Isa e o cara que andava com ela (interrompi o cretino. O "cara'' chamava-se Fábio, disse-lhe) pagaram para que suavizasse os relatórios.

Só não meti um tiro na testa do imbecil porque o haviam visto entrar no meu carro. Quem nos viu foi o porteiro do prédio onde Oscar mantinha a agência de investigação (Agência de Investigação Detetive Oscar Siqueira, para ser mais completo, conforme o cartão de apresentação do débil mental). Este porteiro já trabalhara no edifício de uma ex-namorada minha. Tratava-me sempre por "doutor Carlos''. Não sei onde foi buscar o "Carlos'', nem o "doutor'', tratamento que abomino.

Voltei à cidade sem Oscar. Não sei como ele se virou, nem me interessa sabê-lo.

II

Passei eu mesmo a seguir Isa.

Vi os dois entrando várias vezes em motéis. Tinham preferência por um chamado Xanadu. Uma quinta, depois do expediente, Fábio apanhou Isa no trabalho. Foram para um barzinho cubano nas Graças, cujo nome nunca consigo lembrar, apesar de ser bem vulgar e previsível. Beberam, riram, afagaram-se, ao som de rumbas e boleros. Tu me acostumbrastes, a ser maravilhosa. Ah, quão lindo, o amor!

Segui-os até o motel. Xanadu!, como no poema de Coleridge, *Kublai Khan*: "In Xanadu did Kublai Khan/ A stately pleasure-dome decree...'' Poesia inglesa é o meu forte. Coleridge, um dos meus bardos prediletos.

Aguardei pacientemente no carro, oculto por trás de um casebre abandonado, a uns 200 metros do motel. Entreteve-me a espera um programa de rock em uma FM, cujo locutor ria tal um lobotomizado e falava com um chatérrimo e caricato sotaque carioca.

Quase três horas mais tarde, o jipe japonês de Fábio surgiu no portão do motel. Menos de um quilômetro à frente, fechei-o. O carro dele quase capotou ao rodopiar na pista.

Uma meia de nylon (de Isa) ocultava-me o rosto. Uma espingarda calibre 12 fortalecia-me o ódio. Descarreguei a carga da arma nos dois. Para simular um assalto, levei todos os objetos de valor que encontrei com o casal. Desfiz-me deles, atirando-os nas águas turvas e imundas de um canal em Boa Viagem.

Isa não morreu logo, emitia gemidos roucos e arrastava-se pelo acostamento em busca de um abrigo inexistente. Saquei o 38, desferi-lhe o tiro de misericórdia, na nuca. Fábio também não morreu de imediato: arquejava e me olhava com seus belos olhos verdes arregalados, querendo falar, mas sem capacidade para a palavra. Acho que me reconheceu, espero que sim. Atirei nele, na cabeça. As pernas do filho-da-puta levantaram, como se ele pretendesse dar uma cambalhota, mas foi seu último movimento. O casal partiu para " beber o leite do paraíso'', conforme os versos finais de *Kublai Khan*. Ah, Xanadu! Não poderiam ter escolhido motel com nome mais apropriado.

III

A vingança foi tomada por mais um latrocínio, "rotineiros, nesta cidade tão violenta'', me falou um delegado. A polícia aborreceu-me por três vezes com interrogatórios imbecis e maçantes. Os policiais trataram-me com a maior deferência, certamente impressionados com meus ternos bem cortados e minha boa aparência. Eu procurava alargar ao máximo a distância social que me separava deles. O debilóide que presidiu o inquérito, me tratava por "doutor" e só faltou pedir-me perdão por estar tomando meu tempo.

Livrei-me das, permitam-me o termo, garras da lei, graças, sobretudo, à reputação de Isa. Mesmo que me responsabilizassem pelo duplo assassinato, o currículo de Isa, que ostentava uma invejável plêiade de amantes, abrandaria minha pena: eu não passava de mais um coitado na atribulada carreira sexual da vítima. Esta era a concepção da polícia, dos amigos comuns e do populacho, que acompanhou o caso pela imprensa, com a morbidez que lhe é característica. Minha belíssima amada chegou a ser definida como uma "devoradora de homens'' por um desses equívocos da natureza que assinam as páginas policiais dos matutinos.

Sinto saudades de Isa, do seu corpo, seu calor, seu sorriso graciosamente infantil, da maneira despojada com que enlaçava as pernas em torno de mim enquanto, depois do amor, repousando na cama, renovávamos as forças vendo TV ou escutando jazz. Compenso em parte sua ausência com memórias (seletivas, óbvio) e sonhos. Sonho todas as noite com Isa. Feito no poema *Song*, de Esther Mathews, "A amo mesmo enquanto durmo''.

E se ela surgisse agora, aqui neste bar, onde tomo um uísque 12 anos, duplo, com uma única pedra de gelo, como ela gostava. Qual seria a minha reação?

RESENHAS

REPRODUÇÃO

Dicas para você se tornar agora o empregado do mês

Alain de Botton volta com sua filosofia pop e nos ajuda a resolver as agruras do trabalho

Schneider Carpeggiani

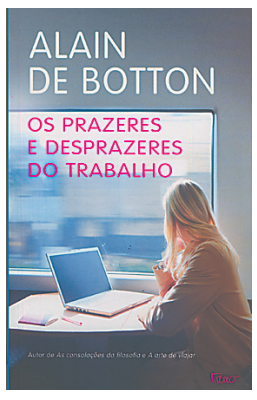
No Brasil, a primeira vez que se ouviu falar do suíço Alain de Botton foi no começo dos anos 1990. Ele surgiu como um sábio conselheiro sentimental antes das discussões sobre as relações no fim/princípio de século, à *Sex and the city*, tomarem conta do juízo universal. A diferença é que, no lugar dos Cosmopolitans (aqueles drinks coloridos que, segundo a série de TV, colavam corações partidos), ele trazia citações a grandes autores e gráficos estatísticos no meio do texto. Tudo isso para nos fazer crer que coração rima com razão para além do batatinha-quando-nasce.

Se seus livros não resolviam nossas dores-de-cotovelo (os Cosmopolitans também não, vamos admitir), ao menos traziam o consolo do amor após Descartes! Que maravilha: você podia até passar a madrugada inteira pensando no "ligo ou não ligo" ou chorando pelo seu amor, que Flaubert e Deleuze estariam ao seu lado, compreensivos e sábios (claro!). *Ensaios de amor* foi acolhido com estardalhaço pela crítica internacional mais por sua embalagem moderninha (para a época) que por suas reais qualidades literárias. No fundo, o livro não passava de um ensaio engraçadinho travestido de um romance frouxo. Ainda bem que Alain não virou a Carrie Bradshaw da filosofia e decidiu partir para outros terrenos. Nos últimos anos, quis nos ajudar de todas as maneiras.Veja só como ele foi prestativo: nos ensinou a observar a alegria de viver sob a sombra de um prédio Bauhaus (*A arquitetura da felicidade*), nos tirou o medo de carimbar o passaporte para o desconhecido (*A arte de viajar)* e até quis provar que Platão, ora bolas, foi um cara legal (o best-seller *As consolações da filosofia*).

Para incrementar seus serviços prestados à comunidade, Monsieur Botton condimenta agora nosso ganha-pão diário em *Os prazeres e desprazeres do trabalho*. Essa obra consolida de vez sua visão de que a filosofia nada mais é que um "segura na mão de Aristóteles e vai" para quando o mundo se tornar incompreensível. Perspectiva simplista, claro, mas que tem arregimentado sucessos de venda e imitadores numa velocidade alucinante.

No mundo dos *best-sellers* e salafrários do saber, temos de admitir, Botton paira acima da concorrência: tem uma habilidade raríssima na construção de um texto envolvente e é um pesquisador sério, que sabe dissolver os conceitos mais espinhosos como um antiácido num copo de água gelada.

Quem já leu Botton vai adorar *Os prazeres e desprazeres do trabalho*. O autor trata amor, turismo, trabalho e Platão da mesma forma. No frigir dos ovos, todo livro que traz a palavra ajuda como *ethos* repete a mesma coisa: respire e pense duas vezes antes de agir. Ao menos com ele você aprende a citar figurões da filosofia ou da literatura numa roda de conversas e ainda leva de brinde tiradas do quilate de "o impulso de exagerar a importância do que estamos fazendo é a própria vida circulando em nós" antes de bater o cartão de ponto.



ENSAIOS

Os prazeres e desprazeres do trabalho
Autor: Alain de Bottom
Editora: Rocco
Páginas: 328
Preço: R$ 42,50

NOTAS DE RODAPÉ

AQUISIÇÃO

Editora Pensamento-Cultrix passa a se dedicar com ênfase ao mercado de história e biografia

A Editora Pensamento-Cultrix adquiriu o catálogo da Editora Seoman Ltda. O objetivo é ampliar a participação no segmento de não ficção, com foco nas áreas de história e biografias. Com isso, a Seoman terá um novo selo, cujos livros serão distribuídos pela Pensamento-Cultrix, entre eles os best-sellers *Depois do escorpião*, *ABC do sexo*, *Superbabá*, *Caio Fernando Abreu – inventário de um escritor irremediável*, *Casa Gucci*, *Magical mystery tours: Minha vida com os Beatles* e o recente *Hotel Yoga*. A editora pretende também lançar outros títulos, com destaque para *Minha vida na França*, de Julie Child, que inspirou o filme *Julie & Julia* estrelado por Meryl Streep.

MATEMÁTICA

Euclides ganha tradução em português pela Unesp

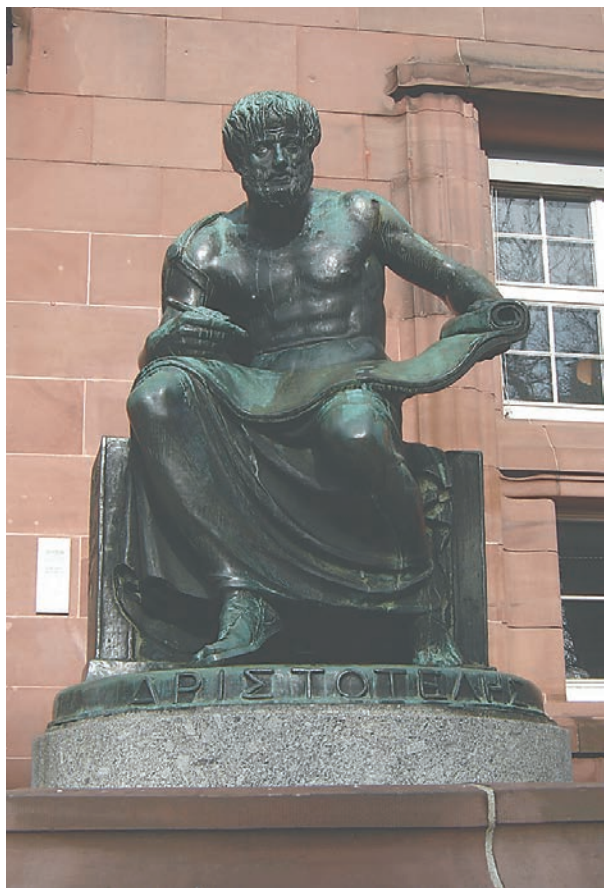
O tratado matemático *Os elementos*, escrito pelo grego Euclides no ano 300 a.C., ganhou a primeira tradução para o português, pela editora Unesp. Antes só se contava com uma versão incompleta do século 18, feita a partir de uma tradução latina do original com comentários de Teón de Alexandria. São 13 livros, que sistematizam e dão sequência lógica a todo o conhecimento da ciência dos números.

PROMOÇÃO

Nobel da literatura distribui obra na web

Numa iniciativa intitulada *Dowload-Days* – que aconteceu durante a Feira do Livro de Frankfurt – a obra *Atemschaukel* foi digitalizada e disponibilizada para baixar gratuitamente na internet, durante 24 horas. O título é da escritora Herta Müller e esgotou nas livrarias alemãs desde que Müller ganhou o Nobel de Literatura 2009.

REPRODUÇÃO



Em busca do inatingível

A discussão propriamente filosófica a respeito de uma definição do que seria "felicidade" começou na Grécia, e Aristóteles foi o primeiro a tentar estabelecer uma conceituação "completa e articulada" sobre essa ideia que faz parte, naturalmente, do senso comum. De fato, todos nós fugimos das frustrações e buscamos um ideal próprio do que é a plena realização pessoal. *Breve história da felicidade*, de Nicholas White, mostra como tal discussão surge e se desenvolve na filosofia ocidental. O autor acredita que a variedade e complexidade dos nossos anseios é a grande dificuldade na hora de trabalhar com o tema. Não nos satisfazemos com um objetivo último, ainda que grandioso... Queremos muito e sempre mais; e o pior: queremos coisas que acabam impedindo a realização de outras coisas. O conflito entre nossos próprios desejos é uma situação incontornável. Portanto, a felicidade é sempre incerta: "Só isso hoje podemos dizer: o que não somos, o que não queremos", como escreveu Eugenio Montale. **(Eduardo Cesar Maia)**

FILOSOFIA

Breve história da felicidade
Autor: Nicholas White
Editora: Loyola
Páginas: 224'
Preço: R$ 45

REPRODUÇÃO

Familiar e estranho

"Os Loony que acreditam que não existe nada fora da família. Tudo no mundo real é um reflexo deles mesmos". A descrição da família Loony é a própria definição de *Umbigo sem fundo*: uma história em que a família é o mundo. Nela, Dash Shaw nos mostra o casal Loony, após 40 anos de convivência, reunindo os seus três filhos por um fim de semana para anunciar que vão se divorciar.

Nenhum dos filhos entende o motivo da separação. A diferença está na reação a isso: Dennis se revolta e busca entender o passado dos pais, Claire aceita-a calmamente, e Peter não se afeta pela notícia. O quadrinho percorre as três visões, misturando o olhar pessoal com o contemplativo.

O traço de Shaw, em seus cortes bruscos e quadros em branco, é marcado pela funcionalidade, ainda que detalhista. Apesar do mergulho textual e imagético nos personagens, *Umbigo sem fundo* parece nunca querer deixar o leitor se envolver por inteiro. Mesmo – ou principalmente – nas famílias, todos são estranhos. **(Diogo Guedes)**

QUADRINHOS

Umbigo sem fundo
Autor: Dash Shaw
Editora: Quadrinhos na Cia.
Páginas: 720
Preço: R$ 59

PRATELEIRA

REPENSANDO OS TRÓPICOS: UM RETRATO INTELECTUAL DE GILBERTO FREYRE

O livro foi pensado inicialmente como uma forma de apresentar Gilberto Freyre ao público norte-americano, que nunca teve acesso à obra do pernambucano. Ainda assim, os freyrianos iniciados vão encontrar vasto material de pesquisa. Os autores valorizam o Freyre crítico cultural e intelectual público, que debatia sobre arquitetura, raça, regionalismo e sexo. O texto enfatiza ainda como o estilo coloquial do sociólogo provocou polêmica entre seus primeiros leitores, no início da década de 1930.

Autores: Peter Burke e Maria Lúcia G. Pallares-Burke
Editora: Unesp
Páginas: 379
Preço: R$ 62

UM SAFÁRI NA TANZÂNIA

Formar leitores é um dos objetivos da editora, que relançou vários títulos dirigidos ao público infanto-juvenil. A diversidade cultural é o tema de *Um safári na Tanzânia*, que retrata a vida dos *massai*, povo nômade, caçador de leões. As ilustrações da inglesa Julia Cairns enriquecem a obra, que inclui anexo com cenas do cotidiano dos *massai* e seus costumes. O livro traz os nomes dos animais em *swahili*, umas das línguas da costa leste da África.

Autora: Laurie Krebs
Tradução: Cláudia Ribeiro Mesquita e Heitor Ferraz Mello
Editora: Edições SM
Páginas: 32
Preço: R$ 29

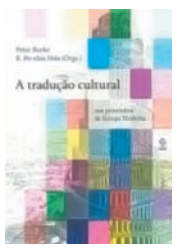
BORGES E OUTROS RABINOS

A autora Lyslei Nascimento defende que a paixão de Jorge Luis Borges pela cultura judaica é uma das chaves para o entendimento da sua obra. Ela não se limita a reunir as referências e citações relacionadas com os judeus na obra do autor argentino; prefere mostrar que a tradição desse povo constitui o eixo estrutural da obra borgiana, que teria reunido condições privilegiadas que lhe permitiram reorganizar o passado e ampliar o pensamento, mantendo-se como um "arquivo aberto".

Autora: Lyslei Nascimento
Editora: UFMG
Páginas: 219
Preço: R$ 35,00

A TRADUÇÃO CULTURAL NOS PRIMÓRDIOS DA EUROPA MODERNA

Em doze ensaios, historiadores mostram a importância dos tradutores para a disseminação da cultura, ao transcreverem e tornarem acessíveis obras filosóficas, religiosas, políticas, científicas e literárias. O foco é a formação da Europa Moderna, da fase que vai do Renascimento ao Iluminismo. O livro trata das relação entre tradução e línguas -como o latim, o grego, russo, turco e chinês –, cultura e ciência. A novidade é a participação de historiadores numa seara que sempre foi dominada pelos literatos.



Organizadores: Peter Burke e R. Po-chia Hsia
Editora: Unesp
Páginas: 296
Preço: R$ 45

DIVULGAÇÃO

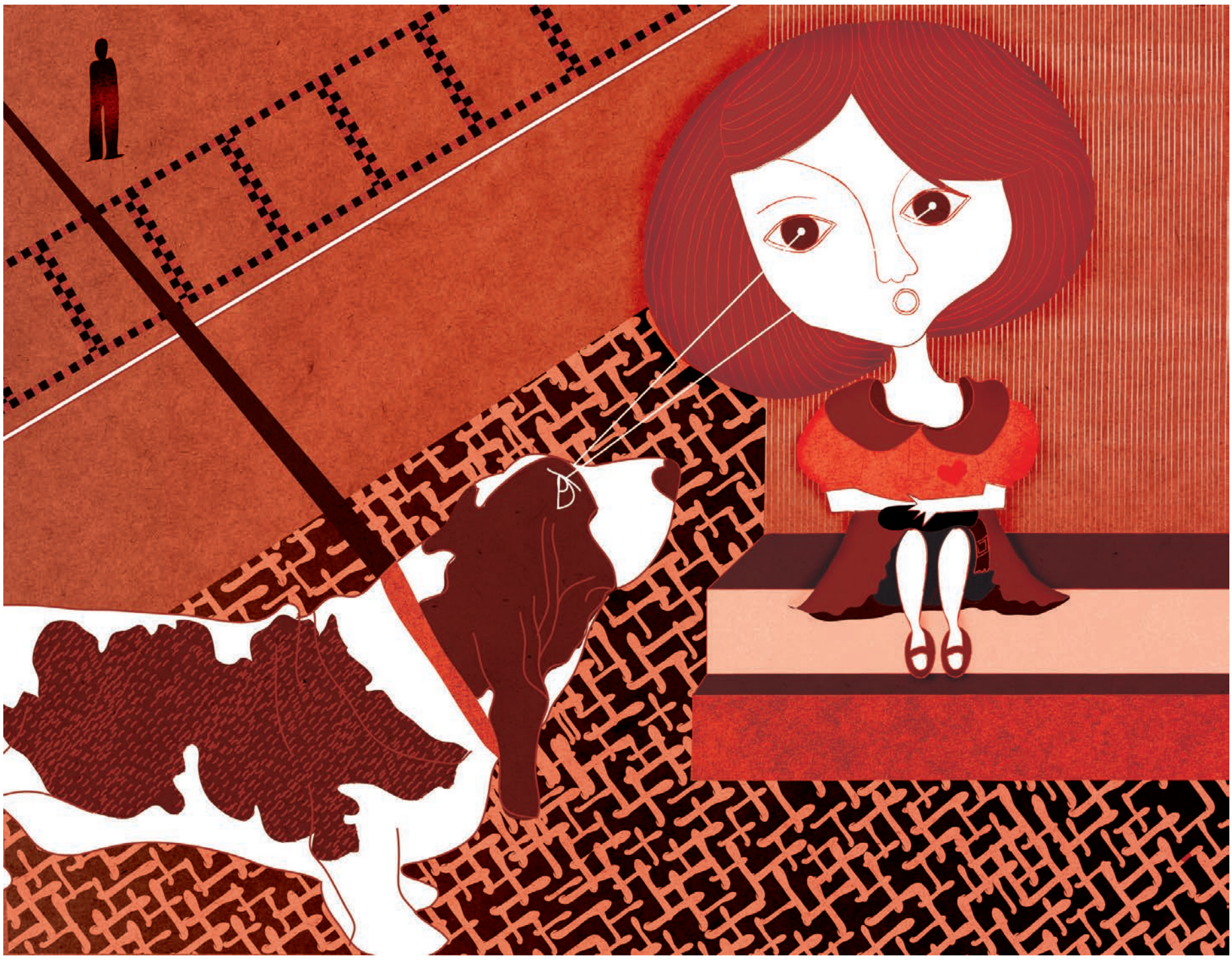
TRADUÇÃO

Clássico da literatura infantil chega ao Brasil

A tradução para português do livro infantil *Onde vivem os monstros*, de Maurice Sendak, será publicada pela primeira vez no Brasil, pela Cosac Naify. O lançamento é impulsionado pelo filme homônimo de Spike Jonze (foto) – que chega aos cinemas em janeiro de 2010 –, baseado nesse clássico norte-americano de 1963. A edição brasileira do livro teve aprovação do autor após quatro anos de negociações.

UM NOVO OLHAR

Tentação, de Clarice Lispector, por Karina Freitas



> No meio de tanta vaga impossibilidade e de tanto sol, ali estava a solução para a criança vermelha. E no meio de tantas ruas a serem trotadas, de tantos cães maiores, de tanto esgotos secos – lá estava uma menina, como se fora carne de sua ruiva carne. Eles se fitavam profundos, entregues, ausentes de Grajaú. Mais um instante e o suspenso sonho se quebraria, cedendo talvez à gravidade com que se pediam.
>
> Mas ambos eram comprometidos.

Clarice é uma escritora poderosa. Um exemplo disso é a história que um professor de literatura costumava contar sobre um amigo e aspirante a escritor que se recusava a ler qualquer obra dela. Já havia ouvido falar tanto, e tão bem, que tinha medo de contaminar alguma originalidade que ainda possuísse com a prosa marcante de Clarice. Quem a conhece, entende a angústia do rapaz.

Uma das singularidades de Clarice é a dificuldade de se encontrar um leitor que prefira chamá-la pelo seu formal sobrenome, Lispector. Ela é íntima, mesmo quando impessoal. Isso explica o seu efeito sobre a designer Karina Freitas: "Acho que Clarice foi a escritora que me incentivou a ler. Ela me impressionou imediatamente". O conto escolhido para ser reinterpretado foi *Tentação*, do livro *Felicidade clandestina*, que narra a epifania do encontro de uma menina ruiva, impaciente com a sua condição de criança, com um *basset*, igualmente ruivo, preso a sua dona.

"É intrigante. Na maioria dos textos de Clarice sempre existe esse momento de surpresa, que muda tudo. Nesse caso, é um instante de paixão", analisa Karina, que pensa em fazer outros projetos relacionados à escritora. "Quero fazer um trabalho editorial com *A hora da estrela*, incluindo ilustrações", antecipa. O desenho para *Tentação*, feito à mão e colorido digitalmente, mostra uma visão quase hipnótica do instante, com o mundo convertendo-se em ruivez. "No conto, existe a dona do cachorro, que leva um guarda-sol amarelo, e um homem esperando um bonde, que até pode ser visto lá no fundo. Não quis retratar tudo. O que realmente importa são os dois, a menina e o cachorro", conclui. **(Diogo Guedes)**